

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

**COPA DO MUNDO 2014: UM OLHAR SOBRE A
NARRATIVA ESPORTIVA DO JORNAL O GLOBO**

BERNARDO BISAGNI PEREGRINO

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

**COPA DO MUNDO 2014: UM OLHAR SOBRE A
NARRATIVA ESPORTIVA DO JORNAL O GLOBO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

BERNARDO BISAGNI PEREGRINO

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Copa do Mundo 2014: um olhar sobre a narrativa esportiva do jornal O Globo**, elaborada por Bernardo Bisagni Peregrino.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior

Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Expressões e Linguagens (DEL) – UFRJ

Prof. Dr. Paulo Guilherme Domenech Oneto

Doutor em Filosofia pela Université de Nice (França)

Departamento de Fundamentos da Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. William Dias Braga

Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Expressão e Linguagens (DEL) - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

PEREGRINO, Bernardo Bisagni.

Copa do Mundo 2014: um olhar sobre a narrativa esportiva do jornal O Globo. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior

PEREGRINO, Bernardo Bisagni. **Copa do Mundo 2014: um olhar sobre a narrativa esportiva do jornal O Globo**. Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho tenta entender quais estratégias narrativas um meio impresso busca para ter um conteúdo de relevância numa cobertura de grande porte. No caso, o que se trata aqui é a Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. A metodologia de pesquisa centra-se em 14 textos do jornal *O Globo*. Estes textos correspondem àqueles que apresentam e descrevem os sete jogos da Seleção Brasileira durante o Mundial de futebol. A partir da análise, discute-se uma questão sobre o futuro dos meios impressos na seara esportiva. O trabalho também apresenta um histórico das Copas do Mundo e da cobertura da imprensa brasileira nos Mundiais.

SUMÁRIO

1 – Introdução

2 – A Copa do Mundo

2.1 – Do sonho à realidade de um campeonato mundial de seleções

2.2 – O negócio entra em campo

2.3 – 64 anos depois, o Brasil volta a ser sede

3 – A cobertura da imprensa brasileira na Copa do Mundo

3.1 – Fase inicial

3.2 – A Copa de 1950 e o Maracanazo

3.3 – Os cinco títulos mundiais e as Copas recentes

4 – A Copa do Mundo de 2014 e análise dos textos sobre os jogos do Brasil

5 – Considerações finais

6 – Bibliografia

7 – Anexos

1 – Introdução

De quatro em quatro anos, bilhões de pessoas em todo o planeta ficam grudadas, durante um mês, a uma tela de televisão. O que está sendo transmitido não é um programa de auditório, uma série de ficção ou um noticiário. O foco de todos é um gramado verde, onde os melhores jogadores de futebol do mundo representam seus países numa disputa entre 32 nações.

Números e adjetivos superlativos não faltam para descrever a força e o alcance da Copa do Mundo, que, em 2014, aconteceu no Brasil. Além de movimentar cifras estratosféricas, o torneio serve como instrumento de diplomacia. Um acontecimento de tal magnitude deixava no ar a pergunta: como a imprensa brasileira iria cobrir o Mundial dentro de casa? Mais do que isso, o que motivou este trabalho foi tentar entender quais estratégias um meio impresso utilizaria para cobrir um evento de tanta relevância tendo a competição de outras mídias muito mais velozes, como a internet e a televisão. Como um jornal lidaria com esse desafio? O que fazem para, no dia seguinte, entregar ao leitor um conteúdo original?

Essas questões, praticamente, tornaram-se rotinas dentro do meio jornalístico. Porém, na situação aqui estudada, elas estavam aditivadas, afinal, tratava-se de uma Copa acontecendo no Brasil. A última vez em que isso tinha acontecido fora em 1950, quando as dimensões do evento – e o Brasil – eram outras. Na época, a Seleção Brasileira ainda não tinha conquistado nenhum de seus cinco títulos mundiais, e o país ainda estava longe de passar pela ditadura militar a que seria submetido entre 1964 e 1985. A imprensa, também, era outra.

O prazo para a realização deste estudo impôs a necessidade de um recorte. Para tanto, selecionou-se o jornal *O Globo*, tanto pela relevância do veículo, o terceiro maior em circulação do país¹, quanto pela facilidade na coleta do material. Optou-se por analisar os textos que apresentavam os jogos do Brasil – publicados no dia da partida e aqui chamados de textos pré-jogos – e os textos que contavam como foram as partidas – publicados no dia seguinte e aqui chamados de textos pós-jogos.

¹ Disponível em <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>. Acessado em 09 de novembro de 2014.

Por textos pré-jogos, foram considerados aqueles ligados à ficha do jogo – o quadro que apresenta as prováveis escalações dos dois times e outros detalhes da peleja. Por textos pós-jogos, considerou-se aqueles que, em algum momento, descrevem lances do jogo – a ficha da partida, com detalhes do que se passou em campo, só não apareceu em um texto pós-jogo selecionado.

Como a Seleção Brasileira disputou sete partidas – três na primeira fase e mais quatro eliminatórias – o escopo da análise ficou centrado em 14 textos, anexados no fim do estudo. A obra *Sobre a Televisão – seguido de a influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*, do sociólogo francês Pierre Bourdieu, e artigos científicos servem de apoio à análise. Mas, acima de tudo, são os próprios textos do jornal carioca que sustentam as observações. Por meio deles, tem-se um painel do que foi a Copa do Mundo de 2014 para a Seleção Brasileira: uma trajetória recheada de expectativa, mas que entrou para a história por meios não muito desejáveis.

Antes de chegar ao Mundial passado, é necessário entender o que é a Copa do Mundo. Para tanto, fica reservado o capítulo 2, que apresenta o torneio desde a sua criação, na primeira metade do século XX. Esse trecho do estudo também mostra como uma ideia, feita no início aos trancos e barrancos, tornou-se a galinha dos ovos de ouro da Federação Internacional de Futebol Associado, a FIFA, entidade que rege o futebol mundial. A biografia *Jogo Duro – A história de João Havelange*, do jornalista Ernesto Rodrigues, foi de valiosa contribuição para se entender o processo de transformação de uma era romântica no mais puro business.

A história de como o Brasil foi escolhido para ser a sede da edição de 2014 do Mundial também é abordada no capítulo 2. Mais do que uma simples pretensão de sediar o torneio, a campanha brasileira também passava pelo interesse de crescimento político de Ricardo Teixeira, ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol. Sem contar os acordos costurados pela própria FIFA, iniciados a partir da escolha da Alemanha para a sede do torneio de 2006. O recém-lançado e-book *A Copa como ela é – A história de dez anos de preparação para a Copa de 2014*, do jornalista Jamil Chade, correspondente do jornal *O Estado de São Paulo* em Genebra e um dos mais ativos na cobertura dos bastidores da FIFA, ajuda a reconstituir esse momento.

O terceiro capítulo detalha a história de quem relatou as participações do Brasil nos Mundiais. Tem-se um panorama da cobertura da imprensa esportiva brasileira

durante as Copas do Mundo, com o fundamental apoio da obra *Os donos do espetáculo – Histórias da imprensa esportiva no Brasil*, do jornalista e escritor André Ribeiro. O eixo principal são os cinco títulos mundiais conquistados pela Seleção Brasileira, em 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002, mas a linha evolutiva também contempla a cobertura das primeiras disputas, em 1930, 1934 e 1938, e o primeiro grande trauma do futebol brasileiro: o Maracanazo.

A derrota para o Uruguai na final da Copa de 1950, a primeira sediada no Brasil, foi amplamente coberta pela imprensa da época. Praticamente, todas as rádios enviaram seus melhores profissionais ao Maracanã, palco da decisão, de modo que os pesos-pesados do jornalismo esportivo de então acompanharam a derrota *in loco*.

Além disto, a imprensa não se resumiu a contar os fatos: foi, quase, co-protagonista do contexto que envolveu aquele jogo decisivo. Tudo porque, antes da partida, jornais estamparam fotos do time do Brasil como se os jogadores já fossem campeões do mundo. Os registros históricos dão conta que os uruguaios se revoltaram com o fato, e, por isso, entraram em campo com mais gana de vencer.

Esse trecho do estudo chega até o século XXI, com a conquista do pentacampeonato mundial do Brasil e as mudanças que acometeram a cobertura de um torneio como a Copa do Mundo. Desse modo, a linha evolutiva acompanha a evolução no viés das coberturas – ufanistas no início, críticas depois – e na dimensão delas, que passaram a envolver muito mais profissionais do que antes, muito por causa dos novos suportes midiáticos.

Além das mudanças, a conquista dos títulos em 1994 e em 2002 foi marcada pela relação conflituosa entre a mídia e a cúpula da Seleção Brasileira. Nas duas ocasiões, o Brasil embarcou para a disputa do Mundial desacreditado pela imprensa especializada. Este conflito é abordado com base em uma passagem do livro *Jornalismo esportivo*, do comentarista Paulo Vinícius Coelho, e em artigos do pesquisador Ronaldo Helal.

O capítulo 4 começa a partir de um panorama de como a Seleção Brasileira chegou ao Mundial de 2014, com um breve retrospecto dos fatos que marcaram a preparação do time entre a eliminação na Copa de 2010, na África do Sul, e a preparação para o torneio disputado em casa. A conjuntura que envolveu as mudanças

na comissão técnica da Seleção é focalizada, sempre com destaque dado ao papel da imprensa no processo.

Mais do que reconstituir a trajetória da Seleção Brasileira no Mundial disputado em casa, esse trecho mostra, na prática, os altos e baixos da relação entre a imprensa e o escrete canarinho. O começo esperançoso foi se desvanecendo conforme os jogos avançavam, principalmente por causa das atuações erráticas da Seleção Brasileira. O ápice desse processo ocorre na goleada sofrida para a Alemanha, na semifinal da Copa. A derrota por 7 a 1 gerou comparações instantâneas com o Maracanazo, ao ponto de, em *O Globo*, a hecatombe sofrida diante dos europeus ser considerada pior do que a de 1950.

Por fim, a análise de 14 textos publicados pelo periódico das Organizações Globo durante o Mundial levanta questões sobre o futuro do jornalismo esportivo impresso. Esta editoria, além de passar pelas transformações inerentes ao ofício como um todo, sofre com o fato de que hoje, mais do que nunca, a transmissão televisiva dos jogos de futebol é muito mais comum. Desse modo, o público interessado no que vai sair no jornal do dia seguinte já viu e reviu os lances das partidas, o que traz novos desafios narrativos para os veículos impressos.

Sendo assim, este estudo busca contribuir para uma reflexão mais aprofundada sobre as transformações do jornalismo esportivo impresso, a partir da observação da cobertura da Copa do Mundo de 2014.

2 - A Copa do Mundo

Lucros estratosféricos, audiências televisivas enormes, muitos patrocinadores e vários países dispostos a fazer de tudo para entrar neste ciclo. A Copa do Mundo de futebol mexe com o emocional de milhões de pessoas ao redor do mundo e movimenta dinheiro na mesma proporção. A edição mais recente, realizada no Brasil entre junho e julho deste ano, estabeleceu novos recordes de audiência em emissoras de tevê do mundo todo².

Mas nem sempre foi assim: um torneio mundial de seleções de futebol exigiu muita paciência para ser posto em prática. Na primeira edição, alguns países europeus se recusaram a participar, como será visto mais à frente. Mesmo com esses contratempos, a Copa do Mundo resistiu a uma Guerra Mundial e tornou-se um grande elemento de diplomacia. Ao longo da história, regimes de diferentes matizes usaram os feitos de seus selecionados dentro dos campos como forma de propaganda – vide a Seleção italiana jogando de camisas negras nos Mundiais de 1934 e 1938³.

Além disto, há o *soft power*⁴ que o estilo de determinado país ao jogar futebol exerce em demais nações. O Brasil é um grande exemplo desse fenômeno: muito por causa do jogo envolvente das seleções campeãs nas Copas de 1958, 1962 e 1970, o país é visto como um bastião do futebol-arte.

Nos últimos tempos, a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), entidade que rege o futebol mundial e organiza as Copas do Mundo, passou a ser mais exigente com os estádios que vão sediar a competição quadrienal. Tudo para valorizar o espetáculo proporcionado por craques milionários dos maiores clubes do mundo, apesar dos muitos gastos realizados pelos governos que aceitam receber o torneio.

2.1 – Do sonho à realidade de um campeonato mundial de seleções

² Disponível em <http://pt.fifa.com/worldcup/news/y=2014/m=6/news=primeiros-jogos-da-copa-do-mundo-quebram-recordes-de-audiencia-2378900.html>. Acessado em 13 de setembro de 2013.

³ A cor preta era ligada ao fascismo e foi uma exigência de Benito Mussolini, primeiro-ministro da Itália de 1922 a 1943.

⁴ Conceito desenvolvido por Joseph Nye, professor da Universidade de Harvard (EUA). Diz respeito à capacidade de determinado país influenciar outra nação por meio de aspectos culturais ou ideológicos.

A história das Copas do Mundo precisa ser contada, necessariamente, a partir da história da FIFA. Tudo começou em 1904, quando o francês Robert Guérin, secretário do Departamento de Futebol da União das Sociedades Francesas de Esportes Atlético, conseguiu o apoio de dirigentes da França, Holanda, Espanha, Suíça, Bélgica, Dinamarca e Suécia para fundar a entidade.

Passada a fase de consolidação e unificação das regras do esporte, a FIFA auxiliou a realização do primeiro grande campeonato de seleções: o torneio de futebol da Olimpíada de 1908, em Londres⁵. Apenas em 1920, depois do final da Primeira Guerra Mundial, é que a FIFA voltou a se reunir. O encontro aconteceu na Antuérpia, na Holanda, sede da primeira Olimpíada pós-guerra.

Nesse momento, Jules Rimet, representante da França na entidade máxima do futebol, expôs um argumento forte para justificar a realização de um torneio de seleções promovido pela própria FIFA: os Jogos Olímpicos só permitiam jogadores amadores, e o profissionalismo no futebol começava a se expandir na Europa.

As posições de Rimet ganharam mais força a partir de 1921, quando o francês tornou-se presidente da FIFA – cargo que só deixaria de ocupar em 1954, dois anos antes de morrer. Na Olimpíada de 1924, em Paris, o torneio de futebol foi um sucesso: 25 equipes participaram da competição, vencida pelo Uruguai. Pela primeira vez, viu-se uma disputa intercontinental de seleções⁶. A proposta de um campeonato mundial só foi oficializada em 1928, em Amsterdã, às vésperas da Olimpíada realizada na Holanda. A FIFA assegurou que o país-sede se comprometeria a custear todos os deslocamentos e a estadia dos visitantes.

Hungria, Itália, Holanda, Espanha, Suécia e Uruguai se candidataram a receber a primeira Copa do Mundo. A primeira decisão foi pela data do torneio: 1930. A segunda, sobre quem sediaria, só foi tomada em 1929⁷. A FIFA escolheu o Uruguai, que havia encantado os campos europeus conquistando o bicampeonato olímpico (GALEANO, 2012; p. 52). De quebra, a constituição do país chegaria ao centenário no ano escolhido

5 Disponível em <http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/president/pastpresidents.htm>. Acessado em 2 de setembro de 2014.

6 Disponível em <http://pt.fifa.com/tournaments/archive/worldcup/uruguay1930/index.html>. Acessado em 2 de setembro de 2014.

7 Disponível em <http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/bodies/congress/news/newsid=1442539>. Acessado em 2 de setembro de 2014.

para a realização do torneio. A efeméride deu nome ao principal estádio construído pelos uruguaios para a Copa: Centenário de Montevideu.

A participação estava aberta a todos os países-membros da FIFA, mas apenas 12 seleções, além da uruguaia, aceitaram participar. Destas, apenas quatro eram europeias – muitos achavam o Uruguai muito distante para que a viagem valesse (GALEANO, 2012; p. 62). Depois de 18 jogos e 70 gols, o Uruguai sagrou-se campeão ao bater a Argentina na final, pelo placar de 4 a 2. Mas o que havia acontecido, de fato, era a materialização de um encontro de nações dentro dos gramados.

2.2 – O negócio entra em campo

O nome do torneio era Copa do Mundo, mas as disputas se restringiam, basicamente, entre europeus e sul-americanos. Os outros continentes até tinham representantes, mas não passavam de meros coadjuvantes. Os 13 participantes da primeira edição viraram 16 na segunda, mas oscilaram entre 15 e 13 nas duas edições seguintes. Apenas a partir do Mundial de 1954, na Suíça, o número de seleções foi consolidado: 16 times se acostumaram a, de quatro em quatro anos, decidir qual deles era o melhor.

Às vésperas da Copa do Mundo de 1974, na Alemanha, a FIFA se preparava para mais um congresso. Dessa vez em Frankfurt, a entidade elegeria um novo presidente. Na disputa, estavam sir Stanley Rous, inglês que presidia a entidade máxima do futebol desde 1961, e João Havelange, um ex-nadador e ex-jogador de polo aquático que comandava o esporte brasileiro – era presidente da Confederação Brasileira de Desportos, a CBD, desde 1958 e integrante do Comitê Olímpico Internacional desde 1963.

Havelange sabia que a única chance de vencer as eleições seria ir atrás das pequenas federações nacionais filiadas à FIFA, até então escanteadas da engrenagem de poder da entidade. A Copa do Mundo que começaria dali a poucos dias, por exemplo, teria nove seleções europeias, cinco americanas e apenas uma africana e uma da Oceania. O brasileiro rodou o mundo atrás dos delegados que teriam direito a voto na eleição.

Nas 72 horas que antecederam à eleição, Havelange pôs em funcionamento um plano que atordoou os partidários de Rous:

“Não dei oportunidade. Tive pessoas nos aeroportos e estações para receber os membros da FIFA em meu nome.”

Se o delegado era um africano casado, ia para um hotel de quatro estrelas. Se era solteiro, outro hotel só para os solteiros. No encontro com cada presidente de federação, em seu hotel, Havelange recorria ao caderno onde anotara tudo que tinha sido conversado com os 86 dirigentes, nas viagens que fizera durante a campanha. (...)

“Na hora da conversa, como eu havia lido um pouco antes e rememorava tudo, achavam que eu era um gênio.” (RODRIGUES, 2007; p.159)

A estratégia deu resultado: Havelange foi eleito presidente. Pela primeira vez, um sul-americano chegava ao comando da entidade que, até então, só tivera dois franceses, três ingleses e um alemão como mandatários.

Ao assumir, o novo presidente viu que o caixa da FIFA não era muito robusto: a única fonte de receita era uma cota de 1% das bilheterias de jogos internacionais. Nesta conta, não entravam os jogos da Inglaterra, porque os britânicos carregavam o epíteto de inventores do futebol (Ibidem; p. 169). Por isso, uma das primeiras reuniões de Havelange foi sobre um tema que se tornaria a galinha dos ovos de ouro da entidade: contratos de transmissão televisiva das Copas do Mundo.

O brasileiro se reuniu com representantes da European Broadcasting Union (EBU), consórcio de tevês europeias que detinha os direitos de transmissão do Mundial de 1978, que viria a ser realizado na Argentina. O que estava em jogo era o valor a ser pago para o contrato da Copa de 1982, na Espanha. Os executivos queriam pagar 4 milhões de dólares; Havelange pediu 10 milhões (Ibidem; p. 172).

Não restou alternativa, e a proposta do brasileiro foi aceita, mas com uma contrapartida: as tevês europeias queriam assegurada a qualidade da transmissão da Copa na Argentina. Então, Havelange foi atrás do governo militar brasileiro e da Rede Globo de Televisão. A Embratel entrou no jogo, e todas as partidas do Mundial foram transmitidas a cores – uma novidade na Argentina (JÚNIOR et al., 2014; p. 271-2)

O grande parceiro de Havelange na transformação da FIFA – e da Copa do Mundo – numa empresa de lucros estratosféricos foi Horst Dassler, herdeiro da alemã Adidas, empresa de materiais esportivos. Apesar de ter atuado contra a eleição do brasileiro para a presidência da entidade máxima do futebol mundial, Dassler rapidamente se entendeu com Havelange.

Não houve assinatura, folha de papel ou protocolo. A parceria que em duas décadas transformaria a FIFA em uma multinacional bilionária do esporte nasceu de um aperto de mão entre Horst Dassler, o dono da Adidas, e o novo presidente da entidade, João Havelange, em julho de 1974. Olho no olho. E, salvo algumas cartas esparsas que foram trocadas pelos dois, assim a parceria continuaria, sem assinatura, contrato ou protocolo, por quase dez anos. (...) (...) A quem estava próximo daquele encontro, (...) bastou a primeira conversa para que houvesse, além de um mútuo pragmatismo pós-eleitoral, uma empatia absoluta entre Havelange e Dassler. (RODRIGUES, 2007; p.187-8)

A parceria aproximou a FIFA de uma de suas grandes patrocinadoras: a Coca-Cola. Como conta Rodrigues (2007, p.189), a multinacional americana de bebidas passou a anunciar em países do Oriente Médio e da Europa comunista a reboque da exposição proporcionado pelos eventos FIFA. De quebra, o Mundial da Espanha, em 1982, viu o número de seleções aumentar: 24 times entraram em campo. Africanos e asiáticos, enfim, viraram habitués da maior festa do futebol mundial – e fariam ainda mais, quando a FIFA estabeleceu em 32 os participantes da Copa do Mundo⁸.

Os direitos televisivos também viraram uma grande fonte de renda. Em 1982, Horst Dassler fundou a International Sport and Leisure, ou, simplesmente, ISL. A empresa foi a pioneira no mercado de venda de direitos de transmissão e de pacotes de patrocínio para eventos esportivos. A amizade de Havelange e Dassler fez com que a empresa assumisse os contratos da FIFA.

Os valores envolvendo a Copa do Mundo aumentaram de tal maneira que, comparados aos US\$221 milhões (JÚNIOR et al., 2014; p.275) gastos pela Globo para transmitir os Mundiais de 2002 e 2006 – os últimos negociados pela ISL –, os US\$10 milhões exigidos por Havelange em 1974 parecem uma ninharia. Em 2001, a ISL faliu e um tribunal da Suíça passou a investigar as atividades da empresa, desvelando um esquema de propinas que envolvia até mesmo Havelange e Ricardo Teixeira⁹.

Mesmo sem a parceira de sempre, a FIFA continuou lucrando. O balanço financeiro da entidade divulgado em março passado apontou um recorde de

⁸ Esse é o número em vigor hoje. A primeira edição com 32 participantes aconteceu na França, em 1998.

⁹ Presidente da Confederação Brasileira de Futebol entre 1989 e 2012 e ex-genro de João Havelange. Afastou-se do cargo após denúncias de corrupção.

faturamento: US\$1,38 bilhão¹⁰. Nada mal para uma entidade que, em 1974, tinha poucos recursos em caixa.

2.3 – 64 anos depois, o Brasil volta a ser sede

A disputa para ser a sede de uma Copa do Mundo envolve muito dinheiro. Desde a preparação de um dossiê de candidatura, passando pelo envio de uma comitiva para fazer corpo a corpo com os integrantes do colégio eleitoral, tudo custa um alto preço – e isso sem incluir as costumeiras denúncias de suborno aos votantes.

Mesmo assim, a visibilidade que a realização de um megaevento¹¹ como a Copa traz seduz diversos governantes ao redor do planeta. Não é diferente com o Brasil, que já tentou ser sede de Copa ou Olimpíada algumas vezes e em governos diferentes. Entre as pretensões brasileiras, destacam-se as de substituir a Colômbia como sede da Copa de 1986 e as de sediar dois outros eventos: a Olimpíada de 2004 e o Jogos Pan-Americanos de 2007¹².

Mas a história de como o Brasil viria a se tornar sede do Mundial de 2014 – o primeiro depois do trauma de 1950 (ver capítulo 3) – começou a ser escrita com a escolha da Alemanha como sede da Copa de 2006. Os germânicos foram eleitos em 2000, numa eleição disputada voto a voto com a África do Sul. Joseph Blatter, presidente da FIFA desde 1998, declarara apoio público à candidatura africana.

Nas duas primeiras rodadas de votações, a África do Sul e a Alemanha tiveram 11 votos cada, ao passo que Marrocos e Inglaterra foram eliminados. A terceira rodada seria a última submetida ao escrutínio dos delegados da FIFA. Em caso de novo empate, o voto de minerva caberia a Blatter. Apurados os votos, a Alemanha saiu vencedora por

¹⁰ Disponível em <http://www.valor.com.br/brasil/3489340/copa-do-mundo-no-brasil-faz-fifa-bater-recorde-de-faturamento>. Acessado em 5 de setembro de 2014.

¹¹ Como define Campos (2014; pp. 316-7), entende-se por megaevento um acontecimento que reverbera na mídia mundial e afeta toda a economia do país. O megaevento traz outras atividades além da simples competição em questão: obras, sorteios etc. Dessa forma, um megaevento é muito mais do que os dias de sua realização.

¹² A Colômbia fora escolhida para sediar a Copa de 1986, mas, em 1983, o recém-eleito presidente Belisario Betancour abriu mão do direito. Já a candidatura do Rio de Janeiro para ser sede da Olimpíada de 2004 foi sepultada em 1997, com a eleição de Atenas. Apenas em 2002, a capital carioca recebeu o direito de sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007.

12 a 11. Sem maiores explicações, o neozelandês Charles Dempsey se absteve de votar, o que gerou uma grita dos sul-africanos e diversas denúncias de corrupção.

A solução encontrada pela FIFA foi instituir o rodízio de continentes, anunciado ainda em 2000. O revezamento começaria, providencialmente, pela África, que seria a sede da Copa de 2010. Em seguida, o evento viria para a América do Sul.

Um ano antes de a África do Sul vencer a eleição para a sede do Mundial de 2010, o fato de o Brasil ser escolhido como sede da Copa seguinte já era definido, praticamente, como favas contadas. Tudo fruto de acordos políticos.

Numa reunião da Conmebol¹³ em 2003, em Assunção, algo inédito aconteceria. As dez federações sul-americanas anunciariam que dariam todo o apoio para que o Brasil fosse a sede da Copa de 2014. (...) O contexto regional também ajudaria. A Argentina vivia momentos complicados em sua economia e uma instabilidade política num país onde o drama dos tangos imita a realidade. Já a Colômbia enfrentava o auge da guerra contra o narcotráfico e a guerrilha. O Brasil ainda tinha um argumento forte: o país do futebol não sediava a competição havia mais de meio século. (CHADE, 2014; p. 25)

A escolha do Brasil, ainda que não oficial, servia também aos interesses de Joseph Blatter. Isto porque o presidente da FIFA garantia que Ricardo Teixeira ficaria envolvido com um grande projeto até 2014 e, pelo menos até lá, não se candidataria à presidência da entidade. Este era o desenho político na ocasião, mas o escândalo detonado com a falência da ISL fez com que Teixeira se afastasse do futebol, em março de 2012.

Apesar de apoiar o pleito do Brasil, Blatter passou a lançar alertas à candidatura tupiniquim¹⁴. A única ameaça real, mas, mesmo assim, fugaz, foi a Colômbia. Álvaro Uribe, presidente colombiano de 2002 a 2010, anunciou em 2006 que o país pretendia se candidatar à sede da Copa de 2014. O presidente da FIFA se apressou em desqualificar a pretensão dos nossos vizinhos, dizendo que a iniciativa serviria para

¹³ Confederação Sul-Americana de Futebol, entidade responsável por reger o futebol no continente e por representá-lo junto à FIFA.

¹⁴ Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,fifa-critica-candidatura-unica-do-brasil-a-copa-de-2014,64166>. Acessado em 11 de setembro de 2014.

esconder os problemas do país¹⁵ e seria uma “jogada de relações públicas” (CHADE, 2014; p. 28).

O tiroteio verbal não poderia ter outro resultado: a Colômbia desistiu oficialmente da candidatura em abril de 2007 e deixou o Brasil na singular situação de ser o candidato único à sede do Mundial de 2014 – fato raro nas eleições anteriores. O Comitê Executivo da FIFA só oficializou a “escolha” do Brasil em 30 de outubro de 2007, em Zurique, na Suíça.

A comitiva tupiniquim tinha, além do presidente Luis Inácio Lula da Silva e de alguns de seus ministros, os governadores de doze estados: Eduardo Braga (AM), Alcides Rodrigues (GO), Ana Júlia Carepa (PA), José Serra (SP), Sérgio Cabral Filho (RJ), Aécio Neves (MG), Binho Marques (AC), José Roberto Arruda (DF), Jacques Wagner (BA), Cid Gomes (CE), Blairo Maggi (MT) e Eduardo Campos (PE). Sem contar com Ricardo Teixeira, o escritor Paulo Coelho e Romário, que depois se tornaria um dos maiores críticos do Mundial de 2014 ao assumir um mandato de deputado federal.

¹⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1204200717.htm>. Acessado em 11 de setembro de 2014.

3 – A cobertura da imprensa brasileira na Copa do Mundo

Sempre que se fala de Seleção Brasileira, vem à tona a tradição do time canarinho, maior vencedor da história das Copas do Mundo, com 5 títulos. De quebra, o futebol e o desempenho do time brasileiro nos Mundiais são um dos únicos fatores capazes de fazer o país se permitir ter um “nacionalismo cíclico”, porque aflorado apenas durante as Copas (HELAL; CABO; SILVA, 2011).

E o meio pelo qual a torcida brasileira se informa do que acontece nos gramados estrangeiros – e nacionais, em duas ocasiões – é pela imprensa. Desde o ufanismo visto durante o Mundial de 1950, o primeiro realizado no Brasil, até as críticas em 1994 e 2002, os meios de comunicação sofreram imensas transformações. O que há de comum entre todas essas épocas? O fato de a Seleção Brasileira estar em primeiro plano.

3.1 – Fase inicial

A imprensa esportiva brasileira quase não foi notada na Copa do Mundo de 1930. Não foram enviados jornalistas para o Uruguai, nem na imprensa escrita, nem no rádio – que já tinha 19 emissoras no território nacional. A cobertura limitava-se aos telegramas de agências internacionais ou à recepção de emissoras de rádio sul-americanas.

Enquanto isso, o país passava pelas agitações políticas do final do governo de Washington Luís, que terminariam com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, por meio da Revolução de 30. A única participação digna de nota da imprensa esportiva no período foi o papel desempenhado na briga entre cariocas e paulistas pelo controle da Seleção que seria enviada ao Uruguai. A organização da ida ao país vizinho ficou por conta da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), sediada no Rio de Janeiro.

Os integrantes da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), entidade que comandava o futebol bandeirante, exigiram a presença de um paulista na comissão técnica da Seleção, porque a maioria dos jogadores convocados era do futebol paulista. Como o pleito não foi aceito, a APEA se negou a ceder os atletas para a CBD. A partir daí, travou-se uma batalha de opiniões entre os periódicos cariocas e paulistas. No fim

das contas, o Brasil foi ao Uruguai representado apenas por jogadores cariocas e foi eliminado na primeira fase¹⁶.

Quatro anos mais tarde, a Copa do Mundo seria realizada na Itália, sob o patrocínio do regime fascista de Benito Mussolini. A disputa da vez entre a cartolagem brasileira se dava por conta do recém-implantado regime do profissionalismo. A CBD era contra o novo regime; a Federação Brasileira de Futebol (FEB), favorável. A pendenga impediu, mais uma vez, a reunião dos melhores jogadores do país¹⁷. Tão discreta quanto a participação brasileira no Mundial – um jogo e uma derrota – foi a cobertura da imprensa. Assim como na primeira Copa do Mundo, nenhum veículo de comunicação enviou profissionais à Itália.

A grande virada nas coberturas aconteceu a partir da Copa de 1938, disputada na França. Já sob o regime do Estado Novo¹⁸, o Brasil via o futebol pacificado: a FEB cuidava dos preparativos do selecionado que iria representar o país em gramados europeus. A expectativa gerada na população durante os preparativos impactou na vendagem dos jornais, que aumentou às vésperas do torneio. *O Globo*, por exemplo, criou um suplemento esportivo, batizado de *O Globo Sportivo*. Já *A Gazeta*, de São Paulo, criou a “campanha do selo”, que visava arrecadar dinheiro para financiar os custos da viagem à França.

Tamanho alvoroço não poderia dar em outra: pela primeira vez, jornalistas brasileiros foram enviados para cobrir o Mundial. Três repórteres de jornais e um narrador esportivo foram os escolhidos para contar ao país a campanha brasileira.

(...) A transmissão da Copa da França foi feita com exclusividade pela ‘cadeia de emissoras Byington’, formada pelas rádios Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro e Cosmos e Cruzeiro do Sul de São Paulo, além da Rádio Clube de Santos, em colaboração com os jornais *O Globo* e *Jornal dos Sports*, sob patrocínio exclusivo do Cassino da Urca. Para obter a exclusividade, a Rádio Clube do Brasil teve de pagar 100 contos, dinheiro que Gagliano Neto, titular do departamento de esportes da emissora, tinha a certeza de que

¹⁶ O Brasil fez apenas dois jogos: perdeu na estreia para a Iugoslávia, por 2 a 1, e ganhou da Bolívia por 4 a 0.

¹⁷ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/copa/historia-1934.shtml>. Acessado em 21 de agosto de 2014.

¹⁸ Período ditatorial comandado por Getúlio Vargas. Durou de 1937 a 1945.

retornaria no mínimo triplicado aos cofres da emissora, devido à expectativa enorme de audiência. (RIBEIRO, 2007; p. 99)

A transmissão dos jogos ficou a cargo do próprio Gagliano Neto, que já fazia sucesso irradiando partidas no Rio de Janeiro. Praças e locais públicos ficaram lotados para ouvir, por meio de alto falantes, a descrição do locutor das jogadas de craques como Leônidas da Silva e Romeu. A campanha brasileira parou na semifinal, com uma derrota por 2 a 1 para os campeões mundiais italianos.

Na volta para casa, os jogadores foram recebidos como heróis. Leônidas da Silva, artilheiro da Copa do Mundo, virou nome de chocolate, e pelas mãos de dois jornalistas. Ari Silva e José Maria Scassa, do *Diário de São Paulo*, intermediaram o encontro do jogador com a Lacta para o lançamento do chocolate Diamante Negro, apelido de Leônidas (Ibidem). No final daquele 1938, muito por causa da imprensa, “(...) o Brasil só tinha três ídolos: Getúlio Vargas, Orlando Silva e Leônidas”. (CASTRO & MÁXIMO, 2011; p. 79).

3.2 – A Copa de 1950 e o Maracanazo

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) forçou a paralisação de todas as competições esportivas de destaque. A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos tiveram um hiato de 12 anos¹⁹. A vitória dos Aliados e o consequente fim do conflito propiciaram o ambiente favorável à volta das disputas internacionais.

A primeira Olimpíada realizada após a guerra aconteceu em Londres, no ano de 1948. Assim como o resto da Europa, a capital inglesa começava o processo de reconstrução. Para a FIFA, portanto, nada mais natural do que sediar a primeira Copa do Mundo pós-guerra em um país da América do Sul. O Brasil foi o único a se candidatar para receber o evento, sendo confirmado como local das competições em 1948, em um congresso realizado durante a Olimpíada de Londres.

Definida a vinda do Mundial, tomou forma uma batalha encabeçada por Mário Filho, dono do *Jornal dos Sports*, para a construção de um novo estádio no Rio de

¹⁹ A última Copa do Mundo antes da Segunda Guerra Mundial aconteceu em 1938, enquanto a Olimpíada aconteceu em 1936. Os Jogos Olímpicos retornaram em 1948, e o Mundial de futebol, em 1950.

Janeiro. Carlos Lacerda, protagonista da política nacional, era contra e também tinha a sua tribuna de protesto: mais especificamente, a coluna *Da Tribuna da Imprensa* – mais tarde nome do jornal que Lacerda iria fundar –, no diário *Correio da Manhã*.

A queda de braço foi vencida por Mário, que não poupou esforços para promover o novo estádio, batizado, popularmente, de Maracanã²⁰. Como conta o escritor André Ribeiro (2007, p. 125), o jornalista chegou a produzir fotonovelas com os operários que construíam o novo palco do futebol brasileiro.

A influência do irmão de Nelson Rodrigues não parava por aí: Mário Filho era amigo de Flávio Costa, técnico escolhido pela CBD para levar o Brasil ao título mundial dentro de casa. Mário chegou a fazer parte da primeira comissão técnica formada pela entidade (Ibidem; p. 128), mas deixou o cargo pela amizade com Flávio Costa. Porém, alguns jornalistas da imprensa carioca não se furtavam do círculo social do técnico da Seleção Brasileira. André Ribeiro (Ibidem; p.128) conta que “Oduvaldo Cozzi, Ricardo Serran, editor de esportes de *O Globo*, além do repórter Geraldo Romualdo, frequentavam a casa de Flávio Costa para jogar baralho com sua mulher Florita”.

A imprensa paulista não perdoou a proximidade e passou a atacar o técnico, que adotou uma solução salomônica para agradar a todos, ainda antes da Copa de 1950: formou duas seleções para a disputa do Sul-Americano de 1949, realizado no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nos jogos frente ao público carioca, a base era o time do Vasco, chamado de “Expresso da Vitória”, do qual o próprio Costa era o técnico. Quando a partida era em São Paulo, prioridade para os jogadores dos clubes paulistas. Apesar das desavenças, a imprensa tupiniquim se preparava como nunca para ver o Mundial de Seleções acontecendo no Brasil.

Pela primeira vez na história do jornalismo esportivo, um repórter brasileiro partiu para a Europa, mais exatamente em outubro de 1949, para acompanhar os treinamentos de seleções possivelmente adversárias dos brasileiros durante a Copa. Geraldo Romualdo, do *Jornal dos Sports*, retornou em janeiro de 1950, mas logo a seguir, no início do mês de abril, partiu novamente, desta vez com os narradores Oduvaldo Cozzi, Luiz Mendes, Pedro Luiz, Gagliano Neto e o técnico da seleção, Flávio Costa. (RIBEIRO, 2007; p. 129)

²⁰ Nome do rio que passa em frente ao estádio, construído no terreno do antigo Derby, local onde aconteciam corridas de cavalos.

A tônica da cobertura era o ufanismo e o otimismo com a Seleção brasileira. No *Jornal dos Sports*, Mário Filho deu espaço para o cartunista Otelo criar o personagem “Moço do Samba”, que aparecia diariamente nas páginas do diário esportivo carioca. A figura “retratava traços específicos do nosso futebol, como a alegria e a malícia” (RIBEIRO, 2007; p.129).

Até mesmo a rusga entre cariocas e paulistas começou a desaparecer, mas isso só até a bola rolar. Depois de golear o México na estreia por 4 a 0, no Maracanã, a Seleção iria enfrentar a Suíça, no Pacaembu, em São Paulo. O técnico Flávio Costa não teve dúvidas: colocou no meio-campo três jogadores do São Paulo Futebol Clube, para agradar à torcida. O tiro saiu pela culatra, o Brasil empatou por 2 a 2 e Costa foi vaiado.

O comportamento dos presentes ao Pacaembu foi um prato cheio para a imprensa carioca criticar os paulistas. Mas, rapidamente, as atenções se voltaram para a partida contra a Iugoslávia, decisiva para o futuro do Brasil na Copa do Mundo.

A Seleção voltou a vencer e embalou no Mundial. A expectativa de todos era pelo título inédito.

Durante 15 dias, houve festa no país inteiro, viu-se balão verde-amarelo subindo ao céu a todo instante, o futebol tomou conta do bate-papo diário, tudo foi certeza de que a taça de ouro ficaria aqui, exposta numa das vitrinas enfeitadas do Cineac Trianon, ou mesmo em praça pública, cercada por uma guarda de honra. (CASTRO & MÁXIMO. 2011; p. 208)

O título mundial seria decidido num quadrangular, disputado entre Brasil, Uruguai, Suécia e Espanha. O time brasileiro não teve dificuldades para vencer Suécia, por 7 a 1, e Espanha, por 6 a 1, numa partida em que a torcida no Maracanã entoou a marchinha *Touradas em Madri*. O último jogo da campanha, contra o Uruguai, parecia mera formalidade, afinal, bastava um empate para os donos da casa levarem o caneco.

A imprensa esportiva manteve o padrão ufanista do restante da Copa e, na véspera da decisão, diversos jornais estampavam manchetes como “Brasil, campeão do Mundo” (RIBEIRO, 2007; p. 132). Tal otimismo gerou ira nos uruguaios, a ponto de o capitão do time, o meia Obdulio Varela, espalhar jornais brasileiros nos banheiros com a seguinte instrução: “Pisen y orinen en el diário”²¹ (Ibidem, p. 132).

²¹ “Pisem e urinem neste jornal”. Tradução do autor.

Até hoje, não se sabe com exatidão quantas pessoas estiveram no Maracanã no dia 16 de julho de 1950, data de Brasil x Uruguai. Estima-se que mais de 200 mil pessoas estiveram no estádio, mas, quando a Seleção entrou no gramado, os fiscais das catracas foram para as arquibancadas assistir ao jogo²². O certo é que nomes históricos do jornalismo esportivo brasileiro trabalharam nessa partida. Apenas no rádio, figuras como Jorge Curi, Oduvaldo Cozzi, Luiz Mendes, Waldir Amaral, Geraldo José de Almeida e Ary Barroso – sim, o compositor de *Aquarela do Brasil* tinha uma sólida carreira de locutor esportivo – estavam presentes.

Friça, aos dois minutos do segundo tempo, abriu o placar para o Brasil. Schiaffino, aos 22 minutos, deixou o placar empatado. Nada que fosse motivo para intranquilidade, porque o título continuava nas mãos brasileiras.

Mas a festa e o otimismo deram lugar à decepção quando Ghiggia, ponta-direita, marcou, aos 34 minutos, o gol do título uruguaio. Nesse momento, “explodiu o silêncio no Maracanã, o mais estrepitoso silêncio da história do futebol” (GALEANO, 2012; p. 91). A partida, do lado perdedor, ficou conhecida como a maior tragédia do futebol brasileiro²³; mas foi o lado vencedor quem batizou o jogo que não terminou até hoje: Maracanazo.

Nas arquibancadas, torcedores revoltados ateavam fogos em jornais, especialmente exemplares de *O Mundo*, que estampava a foto do Brasil campeão do mundo. No gramado, repórteres também não conseguiam segurar a emoção, aliada à decepção (...). Sérgio Paiva, comentarista da Rádio Continental, desmaiou e teve de sair carregado da cabine de transmissão. Jogadores eram execrados por torcedores e pela mídia que, para muitos, superdimensionou a derrota brasileira. A dupla de narradores da Tupi carioca parece ter sido a que mais se decepcionou. Naquele triste momento, Ari Barroso e Antônio Maria decidiram abandonar o rádio esportivo. (RIBEIRO, 2007; p.134)

3.3 – Os cinco títulos mundiais e as Copas recentes

22 Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/copa/historia-1950.shtml>. Acessado em 25 de agosto de 2014.

23 O jogo que, talvez, rivalize com o Maracanazo é a derrota para a Alemanha, por 7 a 1, na semifinal da Copa do Mundo de 2014.

O trauma da derrota de 1950 provocou mudanças na Seleção Brasileira. A mais visível foi no uniforme: a camisa e os calções brancos, usados até a fatídica derrota no Maracanã, foram aposentados. O jornal *Correio da Manhã* promoveu, em 1953, um concurso para escolher a nova vestimenta do time brasileiro. Ganhou o desenho do gaúcho Aldyr Schlee, que deu fama ao futebol nacional: camisa amarela com detalhes verdes, calções azuis e meias brancas.

A Copa do Mundo de estreia do novo uniforme não foi lá essas coisas: em 1954, na Suíça, o Brasil foi eliminado nas quartas de final para a Hungria, que viria a ser a vice-campeã mundial naquela ocasião. A sina do “complexo de vira-latas”, como definiu o escritor Nelson Rodrigues, só terminaria no Mundial de 1958, na Suécia.

A história do título começou a ser escrita em 1957, durante a campanha para a eleição do novo presidente da CBD. Vice-presidente da entidade, Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange, ou apenas João Havelange, um carioca que tinha feito carreira como nadador e jogador de polo aquático, articulou um acordo com Paulo Machado de Carvalho, dono da TV Record de São Paulo. Tudo para encerrar a rixa entre cariocas e paulistas no comando da entidade.

Ao tomar posse na presidência da Confederação, Havelange deu carta branca para Paulo Machado fazer o que fosse necessário para tornar a Seleção Brasileira campeã do mundo (RODRIGUES, 2007; p. 61). O empresário não hesitou em chamar três jornalistas esportivos para a missão: Ary Silva, Flávio Iazzetti e Paulo Planet Buarque. Os quatro formataram, junto ao técnico Vicente Feola, o que ficou conhecido como Plano da Vitória, um conjunto de ações para dar aos jogadores brasileiros as melhores condições de preparação para o Mundial da Suécia.

Além do corpo técnico tradicional formado por um médico, um preparador físico, um massagista, um roupeiro e o técnico, o plano previa a convocação de outros profissionais, entre eles um dentista e um psicólogo. Havelange aprovaria praticamente sem ressalvas. Até porque, mais uma vez, o planejamento da seleção, para ele, parecia ter sido escrito na garagem da Viação Cometa:

“Um ônibus, para sair, precisa ter um mecânico de motor, um mecânico de chassi, um limpador, o encarregado do pneu, o encarregado do almoxarifado e o motorista. Assim foi com a delegação.” (RODRIGUES, 2007; pp. 61-2)

Em termos de imprensa, a Copa da Suécia teria uma estreia: pela primeira vez, os jogos seriam transmitidos ao vivo pela televisão para a Europa. Aqui no Brasil, os torcedores só teriam acesso a filmes dos jogos editados, com a duração de meia hora. Assis Chateaubriand, dono da TV Tupi, não hesitou em pagar 5 mil dólares à emissora sueca Sveriges para conquistar o direito de exibir os jogos da Seleção com exclusividade (RIBEIRO, 2007; p. 164).

Todas as rádios com tradição na cobertura esportiva mandaram representantes para a Europa. Mas a grande audiência, principalmente em São Paulo, ficou com a Rádio Bandeirantes, que deixava as transmissões a cargo do narrador Pedro Luiz. A emissora da família Saad adotou uma estratégia inédita até então: formar uma rede de rádios que recebesse a transmissão vinda direto da Suécia. A ideia do diretor artístico e narrador Edson Leite foi nomeada de Cadeia Verde-Amarela, alcunha usada até hoje pela Bandeirantes (Ibidem; p.165).

No Rio de Janeiro, o líder de audiência era Waldir Amaral, da Rádio Continental. Dentro de campo, o Brasil teve um tropeço logo no começo: venceu a Áustria na estreia por 3 a 0, mas empatou por 0 a 0 com a Inglaterra no segundo jogo. Só na terceira partida, contra a União Soviética, o técnico Vicente Feola promoveu dois garotos talentosos à equipe titular: Pelé, de 17 anos, e Garrincha, de 20. A vitória por 2 a 0 assegurou o lugar dos dois no time, e a Seleção avançou até a final, contra os donos da casa. Apesar de sair atrás no placar, o escrete canarinho virou o jogo, venceu por 5 a 2 e se tornou campeão do mundo.

Os meios de comunicação faturaram com a conquista. O jornal *Gazeta Esportiva*, de São Paulo, vendeu quase 400 mil exemplares no dia seguinte à final (Ibidem; p. 165). Já Paulo Machado de Carvalho lançou um disco com as narrações de Waldir Amaral e Geraldo José de Almeida para os gols do Brasil no Mundial. Mas logo na chegada dos heróis nacionais, quem fez uma artimanha para demonstrar o seu prestígio foi Assis Chateaubriand.

Mesmo depois de uma cansativa viagem de volta, os jogadores desembarcaram no Rio de Janeiro com o roteiro programado de visita ao Palácio do Catete, onde seriam recebidos pelo presidente da República, Juscelino Kubitschek. Contudo, Chatô [Assis Chateaubriand] literalmente sequestrou a comitiva brasileira, que desfilava em carro aberto pela avenida Rio Branco. No meio do caminho, batedores da polícia militar devidamente subornados por

Adolfo Marques Ribeiro, funcionário da revista e secretário da delegação brasileira, desviaram a rota e partiram para a rua do Livramento, sede da revista *O Cruzeiro*²⁴. (...) Juscelino (...) ficou furioso com a quebra de roteiro, a ponto de esbravejar com o empresário ao telefone. Recebeu como resposta um placar nada agradável: “Presidente, não adianta reclamar. Meu amigo Dr. Paulo garantiu a vitória por 1 a 0 do *Cruzeiro* sobre o Catete”. (RIBEIRO, 2007; p.166)

A Copa seguinte aconteceu no Chile, em 1962. A estrutura da delegação brasileira era praticamente a mesma: Paulo Machado de Carvalho continuava a ter poderes totais sobre a Seleção. Mudava o técnico: saía Vicente Feola, entrava Aymoré Moreira.

A novidade para o público brasileiro era a transmissão dos videoteipes dos jogos completos do Brasil. As partidas só poderiam ser exibidas com dois dias de atraso. As rivais Record e Tupi fizeram uma parceria e, com o apoio técnico da Televisa mexicana, adquiriram os direitos de transmissão. O dinheiro vinha de Adhemar de Barros, então candidato a governador de São Paulo. Em troca, vinhetas de apoio à candidatura do político eram veiculadas durante as transmissões.

Para acompanhar o jogo ao vivo, a única opção continuava a ser o rádio. A Bandeirantes articulou uma parceria com a Rádio Guanabara, do Rio de Janeiro, e foi a líder de audiência. A emissora preparou uma série de ações para promover as suas transmissões, como uma caravana que levaria torcedores brasileiros ao Chile para acompanhar o Mundial *in loco*. Mas a grande sacada teve lugar em praça pública, mais especificamente a praça da Sé, em São Paulo.

Como não havia transmissão ao vivo pela televisão, a Rádio Bandeirantes instalou um painel imenso, repleto de lâmpadas, que reproduzia o formato de um campo de futebol. Ao lado, potentes alto-falantes espalhavam pelo ar a transmissão da rádio diretamente do Chile. Os narradores foram orientados para sempre referenciar a posição da bola no gramado, pois dessa forma o operador do painel em São Paulo reproduziria o movimento da bola acendendo e apagando as luzes. Mesmo com a exigência de muita criatividade, o torcedor lotou a praça da Sé em todos os jogos do Brasil na Copa. (Ibidem; p.186)

²⁴ Principal veículo de comunicação dos Diários Associados, conglomerado comandado por Assis Chateaubriand. Circulou de 1928 a 1975.

A iniciativa deu certo, também, porque a Seleção Brasileira correspondia nos gramados. Mesmo com a contusão de Pelé no segundo jogo, um empate por 0 a 0 contra a Tchecoslováquia, o Brasil tinha Garrincha e Amarildo, chamado por Nelson Rodrigues de “possesso”, para conquistar o bicampeonato mundial, eliminando os donos da casa na semifinal, com uma vitória por 4 a 2, e batendo a Tchecoslováquia por 3 a 1 na decisão.

O tricampeonato na Inglaterra, em 1966, era visto como barbada. Mas a Seleção se perdeu em meio à desorganização – 44 jogadores foram convocados para um período de treinamentos antes da Copa – e acabou eliminada na primeira fase.

A terceira estrela na camisa canarinho só seria conquistada no México, em 1970. E este Mundial reservava uma grande novidade: os jogos seriam transmitidos por satélite ao vivo para o mundo todo. Cerca de 700 milhões de pessoas (RIBEIRO, 2007; p. 209) receberam o sinal gerado pela Televisa. Mas não seria a única estreia: pela primeira vez, os jogos da Copa teriam uma bola oficial. Com o sugestivo nome de Telstar, a redonda que rolaria nos gramados do México tinha gomos pretos e brancos, o que facilitava a visualização nos televisores. As duas substituições por jogo e os cartões amarelo e vermelho também debutaram no Mundial de 1970.

No Brasil, a Embratel era a responsável por distribuir o sinal para os televisores. O sinal chegava a cores na sede da empresa, mas o cidadão comum via os jogos em preto e branco. Apenas alguns privilegiados puderam ver as transmissões a cores. No Rio de Janeiro, por exemplo, apenas os escritórios da TV Globo, a casa de Walter Clark – diretor da Globo –, a casa de Roberto Marinho – dono da Globo – e o Palácio Laranjeiras, onde o presidente da República, o general Emílio Garrastazú Médici, se hospedava, eram os locais que recebiam o sinal colorido (Ibidem, pp. 210-11).

Por causa das poucas linhas de transmissão disponíveis, as emissoras de tevê e rádio se organizaram em um *pool* para levar ao Brasil as emoções da Copa do Mundo. Na televisão, Tupi, Globo e Record tinham direito a 22,5 minutos de transmissão cada. Já no rádio, a união se deu entre Bandeirantes, Jovem Pan e Nacional.

A Seleção tinha uma estrutura diferente da campeã na Suécia e no Chile: Paulo Machado de Carvalho não dava mais as cartas. O chefe da delegação foi Antonio do Passo e o técnico era Zagallo, bicampeão mundial como jogador, mas a comissão técnica tinha diversos militares entre os integrantes. Na opinião de João Havelange,

então presidente da CBD, o motivo era pragmático: pouco importava a ditadura que comandava o país se os centros de excelência em preparação física no Brasil eram militares (RODRIGUES, 2007; p.125).

O condicionamento físico do time, de fato, foi um dos destaques da Seleção no México. Os jogadores embarcaram 35 dias antes do jogo de estreia e treinaram na cidade de Irapuato, a 1.730 metros de altitude. Mas o que mais se sobressaiu foi a qualidade de craques como Pelé, Jairzinho, Gérson, Tostão e Rivellino. A campanha na Copa foi fulminante: seis jogos, seis vitórias. Isto sem contar os lances que ficaram eternizados, como o quase gol de Pelé contra o Uruguai, na semifinal, e o quarto gol, de Carlos Alberto, na goleada sobre a Itália, na final. Tudo devidamente transmitido para o mundo todo.

A imprensa, é claro, faturou com a conquista: a *Gazeta Esportiva* vendeu 534 mil jornais no dia seguinte à final entre Brasil e Itália (RIBEIRO, 2007; p.212), e a TV Globo teve mais audiência durante a transmissão de Brasil e Inglaterra, na primeira fase, do que durante a chegada do homem à Lua, no ano anterior.

Por ser a primeira seleção a conquistar três vezes o Mundial, o Brasil ganhou a posse definitiva da Taça Jules Rimet, dada aos campeões de cada Copa. O troféu ficou exposto, durante anos, na sede da CBD – depois CBF, Confederação Brasileira de Futebol –, na rua da Alfândega, no centro do Rio de Janeiro. Porém, em 1983, a Jules Rimet foi roubada do prédio e derretida.

Se a Seleção encantou o mundo em 1970, colecionou fracassos nas Copas seguintes. Nem o time comandado por Zico, Sócrates, Falcão e Júnior conseguiu faturar o tetracampeonato, na Copa de 1982. O mundo mudava, e os Mundiais, mais ainda (ver capítulo anterior). O Brasil que era sucesso nos gramados ficara para trás.

Nos anos 1990, o ídolo nacional era Ayrton Senna (RODRIGUES, 2004; p. 398), piloto de Fórmula-1 e tricampeão mundial da categoria. O futebol andava mal das pernas: a cada ano, o modo de disputa do Campeonato Brasileiro mudava, e a CBF chegou ao ponto de dizer que não tinha condições de organizar a edição de 1987 do torneio. João Havelange, desde 1974, era não mais o manda-chuva do futebol brasileiro, mas presidente da FIFA. Apenas em 1989, Havelange articulou para voltar a ficar próximo dos rumos do futebol brasileiro: apoiou a candidatura do genro Ricardo Terra Teixeira à presidência da CBF.

A primeira Copa sob o comando de Teixeira foi, mais uma vez, um fracasso. A Seleção não passou das oitavas de final na Itália, em 1990. Pior: foi eliminada pela Argentina. O técnico Sebastião Lazaroni retornou ao país execrado pela imprensa. E um jovem volante gaúcho que participou daquela Copa foi alçado como símbolo daquela geração: Dunga (RODRIGUES, 2007; p. 345).

As Eliminatórias para a Copa do Mundo seguinte, que seria disputada nos Estados Unidos, começaram em julho de 1993. Nesse momento, também, tiveram início as rusgas entre a imprensa brasileira e a comissão técnica, cujo técnico era Carlos Alberto Parreira – assessorado por Zagallo, comandante do tri mundial, na função de coordenador técnico.

O técnico Carlos Alberto Parreira e seu coordenador técnico, Mario Jorge Lobo Zagallo, recebiam inúmeras críticas da imprensa pelo desempenho abaixo do esperado nas Eliminatórias e pelo estilo defensivo que os dois imprimiram à Seleção. Diante da Bolívia, em La Paz, o Brasil sofreu sua primeira derrota na história dessa fase da competição, que qualifica para a Copa. As derrotas, segundo a imprensa, adviriam desse não-jogar o “verdadeiro futebol brasileiro” – ofensivo, baseado no toque de bola e na habilidade individual. (AMARO & HELAL, 2013; p. 2)

O descrédito com a Seleção não impediu que a imprensa investisse pesado na cobertura da Copa de 1994. As tevês Globo, Bandeirantes, SBT e Globosat – hoje Sportv, no começo de suas operações – transmitiram o Mundial. A emissora da família Marinho tinha quatro câmeras exclusivas para a transmissão dos jogos²⁵ e um estúdio de 326 metros quadrados no International Broadcasting Center, o IBC, centro de mídia da Copa, localizado em Dallas, no estado do Texas²⁶.

Rádios presentes foram 13, um número recorde até então. Todas precisaram pagar a taxa de cem mil dólares para ter o direito de transmitir as partidas do Mundial. Se, em 1970, faltavam linhas de transmissão para as emissoras, agora o arsenal tecnológico à disposição da imprensa era vasto. Laptops e celulares tornavam o envio de materiais e a comunicação muito mais ágeis.

25 Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-dos-estados-unidos-1994/transmissao-e-cobertura.htm>. Acessado em 27 de agosto de 2014.

26 Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/2/27/esporte/23.html>. Acessado em 27 de agosto de 2014

Mesmo com duras críticas, a Seleção avançou na Copa até chegar à final, contra a Itália. A expectativa para quebrar o jejum de 24 anos estava nos pés de Romário, artilheiro do Brasil no Mundial. Mas nem o Baixinho e nem ninguém balançou a rede do estádio Rose Bowl, em Pasadena: o jogo terminou com um 0 x 0 teimoso, que resistiu até a prorrogação. Pela primeira vez, a Copa do Mundo seria decidida nos pênaltis.

Roberto Baggio, craque do time da Itália, jogou por cima do gol a quinta cobrança dos adversários do Brasil, que, finalmente, chegava ao tetracampeonato. Dunga, capitão do time, não esqueceu da imprensa, que tanto criticara o time (HELAL & AMARO, 2013; p. 6), na hora de erguer a taça.

(...) Dunga demonstrou toda a sua mágoa. Apanhou-a das mãos do presidente do comitê organizador, Alan Rothenberg, levantou-a sobre a cabeça e gritou, olhando fixamente para os fotógrafos brasileiros: “Essa é pra vocês, seus traíras, filhos da puta!”. Os fotógrafos representavam, na cabeça de Dunga, toda a imprensa brasileira, que tanto ressentimento causara a ele e aos demais jogadores da Seleção Brasileira. (COELHO, 2003; pp. 20-21)

A conquista do tetracampeonato recolocou a Seleção Brasileira de volta a uma posição respeitável no mundo do futebol. O Brasil chegou à Copa da França, em 1998, com status de favorito. Porém, durante a competição, apresentou um futebol claudicante e com alguns tropeços. Apesar de chegar à final, o time comandado por Mario Jorge Lobo Zagallo foi impiedosamente derrotado pelos donos da casa por 3 a 0.

No dia deste jogo decisivo, o atacante Ronaldo, estrela brasileira e considerado pela FIFA o melhor jogador do mundo no ano anterior, teve um mal-estar enquanto dormia à tarde – autores como o historiador Jorge Caldeira (2002; p. 209) evitam chamar o que aconteceu de convulsão, mas de “terror noturno” (Ibidem, p. 212). O fato é que Ronaldo entrou em campo depois de a escalação do Brasil ter sido divulgada para a imprensa sem o nome do atacante. A história só foi revelada depois da partida e se tornaria tema, até, de depoimento em Comissão Parlamentar de Inquérito²⁷.

Como se não bastasse, Ronaldo sofreu duas seriíssimas contusões no joelho em 1999 e 2000 que o deixaram, praticamente, dois anos sem atuar. Já a Confederação

27 Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1910200005.htm>. Acessado em 28 de agosto de 2014

Brasileira de Futebol era alvo de uma devassa no Congresso Nacional. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito na Câmara dos Deputados visava a investigar o contrato da CBF com a Nike, fornecedora de material esportivo da Seleção Brasileira. Outra, no Senado, recebeu o nome de CPI do Futebol. Em comum às duas estavam os malabarismos fiscais de Ricardo Teixeira, presidente da CBF.

Enquanto isso, a Seleção penava nas Eliminatórias para a Copa que seria disputada na Coreia do Sul e no Japão. Nada menos do que quatro técnicos²⁸ comandaram o Brasil durante a competição. A classificação só veio no último jogo, contra a Venezuela, em São Luís. No comando do time que iria ao Mundial estava Luís Felipe Scolari, o Felipão. Gaúcho, o técnico apostou justamente em Ronaldo, que ainda voltava a jogar depois das contusões, como líder da equipe. Além disso, deixou Romário, o herói do tetracampeonato, de fora da convocação para o Mundial.

O caldeirão de acontecimentos refletia na opinião da imprensa sobre a Seleção.

Nas edições que antecedem a Copa do Mundo de 2002, observamos que a seleção brasileira não inspirava a confiança da mídia, mesmo após ter vencido um amistoso contra a seleção da Malásia por 4 a 0. O aspecto técnico da armação da equipe concentra boa parte da atenção das matérias e colunas de opinião. O modelo de “três zagueiros” e as padronizadas modificações de jogadores no ataque durante os jogos pelo treinador Luis Felipe Scolari são os principais alvos de crítica. Lembremos que a seleção brasileira se classificou para o evento com certa dificuldade e por este motivo saiu do Brasil “desacreditada”. (HELAL & SOARES, 2003; p.7).

Na televisão, a Rede Globo comprou com exclusividade os direitos de transmissão do Mundial. A única outra emissora que transmitia os jogos era o Sportv, canal a cabo de esporte das Organizações Globo. Mesmo com os jogos sendo de madrugada, por causa do fuso-horário, a empresa sediada no Jardim Botânico obteve grandes audiências durante a Copa, como, por exemplo, 90%²⁹ dos telespectadores com aparelhos ligados assistindo à estreia do Brasil, contra a Turquia. O jogo começou às 6 horas da manhã de uma segunda-feira.

²⁸ Vanderlei Luxemburgo, Candinho, Émerson Leão e Luiz Felipe Scolari treinaram o Brasil no período de 1998 a 2002.

²⁹ Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-coreia-e-do-japao-2002/selecao-brasileira.htm>. Acessado em 30 de agosto de 2014.

Apesar das desconfianças, a Seleção chegou à final. Mesmo assim, a imprensa só começou a acreditar mais no time depois da vitória contra a Inglaterra, nas quartas de final (GASTALDO, 2005; p. 148). A vitória contra a Alemanha, na decisão, consagrou Ronaldo. O mesmo jogador que tinha sido pivô de um dos episódios mais controversos da Copa anterior terminava o Mundial de 2002 como artilheiro e estrela do time campeão.

Nas duas Copas seguintes, dois cenários distintos: em 2006, o Brasil chegou à Alemanha como franco-favorito para conquistar o título. A base do time era quase a mesma de 2002, mas o setor ofensivo canarinho tinha, desta vez, o “quadrado mágico”, formado por Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano. A preparação aconteceu na cidade suíça de Weggis. O time treinava com a presença de público, e as sessões comandadas pelo técnico Carlos Alberto Parreira eram transmitidas ao vivo no Brasil. A campanha terminou nas quartas de final, com uma derrota para a França, por 1 a 0, e acusações de falta de comprometimento dos medalhões da Seleção – os principais alvos foram Ronaldo e Roberto Carlos.

Por isto, a CBF escolheu Dunga para ser o técnico do ciclo seguinte. Neófito na função de treinador, o ex-volante e capitão da Seleção do tetra ganhou todos os torneios que disputou entre 2006 e 2009 com o time principal³⁰. Mesmo assim, o técnico sofreu muita pressão da imprensa e da torcida durante as Eliminatórias para a Copa da África do Sul. Pesou neste clima a relação pouco amistosa entre Dunga e os meios de comunicação – não eram raras respostas atravessadas do treinador em entrevistas coletivas.

Durante o Mundial, a Seleção ficou totalmente isolada da imprensa. O resultado foi o mesmo de quatro anos antes: eliminação nas quartas de final, dessa vez para a Holanda.

³⁰ Sob o comando de Dunga, o Brasil venceu a Copa América de 2007, a Copa das Confederações de 2009 e terminou as Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2010 em primeiro lugar. Na Olimpíada de Pequim, em 2008, a Seleção foi bronze, mas com um time de jogadores com menos de 23 anos.

4 – A Copa do Mundo de 2014 e análise dos textos sobre os jogos do Brasil

Após 64 jogos, 171 gols e 3.429.873 pessoas presentes nos estádios, a Copa do Mundo de 2014 foi considerada um sucesso dentro de campo. Jogos emocionantes, muitas bolas na rede e belas jogadas fizeram parte do repertório do torneio, que também teve a novidade de ver gols confirmados por uma tecnologia que detectava se a bola passara ou não da linha fatal. A maioria dos jogos começou entre 13h e 19h, de modo que as partidas fossem transmitidas no horário nobre para a Europa.

Porém, o caminho para se chegar até o êxito foi longo. Como já visto, um megaevento não dura apenas o período da competição – a fase preparatória é tão importante quanto a execução propriamente dita. No caso do Brasil, essa afirmação não poderia ser mais real. Bate-bocas com a FIFA³¹, obras atrasadas, manifestações de rua e estouros no orçamento³² fizeram parte do noticiário brasileiro de 2007, quando o país foi confirmado como sede do Mundial, até às vésperas do torneio começar.

Nem mesmo a Seleção Brasileira escapou do turbilhão. Logo após a eliminação na África do Sul, Dunga foi demitido por Ricardo Teixeira, ainda na presidência da CBF, durante um programa de tevê³³. Na volta ao Brasil, Teixeira tentou contratar Muricy Ramalho, então técnico do Fluminense. O dirigente chegou a confirmá-lo na Seleção em entrevista à Rede Globo³⁴, mas o tricolor carioca não liberou Muricy.

O cargo caiu, então, no colo de Mano Menezes, que dirigia o Corinthians. A missão de Mano era promover uma renovação na Seleção Brasileira, trazendo uma nova geração de jogadores de olho no Mundial de 2014. O trabalho do técnico não teve sucesso imediato: na primeira competição oficial, em 2011, o Brasil caiu nas quartas de final da Copa América, nos pênaltis, contra o Paraguai.

³¹ Durante os preparativos para a Copa, em 2012, o secretário-geral da FIFA, Jérôme Valcke, disse que o Brasil merecia um “chute no traseiro”, por causa dos atrasos nas obras.

³² A soma do custo dos estádios brasileiros ficou 42% acima das previsões iniciais. Disponível em <http://placar.abril.com.br/matéria/custos-dos-estadios-da-copa-de-2014-ficaram-42-maiores-que-o-previsto>. Acessado em 15 de setembro de 2014

³³ Disponível em <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2010/07/presidente-da-cbf-diz-que-selecao-tera-cara-nova-e-mais-jovem.html>. Acessado em 14 de setembro de 2014.

³⁴ Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2010/07/ricardo-teixeira-diz-que-muricy-comandara-renovacao-paulatina.html>. Acessado em 14 de setembro de 2014.

Apesar de não cativar a torcida e a mídia, Mano manteve-se firme à frente da Seleção. A situação do técnico começou a mudar em março de 2012, com a renúncia de Ricardo Teixeira³⁵ e a medalha de prata na Olimpíada de Londres, em agosto. José Maria Marin, político paulista que assumiu o comando da CBF, demitiu Mano em novembro, um dia após uma seleção formada por jogadores que atuavam no Brasil bater a Argentina nos pênaltis no Superclássico das Américas³⁶.

Não demorou muito até que Luis Felipe Scolari, técnico do pentacampeonato mundial, fosse anunciado como novo comandante da Seleção. Carlos Alberto Parreira, treinador da conquista do tetra, seria o coordenador técnico. O trabalho de Felipão não começou muito bem: dos primeiros seis jogos, a Seleção só venceu um, e, mesmo assim, contra a Bolívia, e com um time formado apenas por jogadores que atuavam no Brasil. O primeiro triunfo da equipe completa veio no último jogo antes da estreia na Copa das Confederações³⁷: 3 a 0 contra a França, em Porto Alegre.

Durante o torneio, o time comandado por Scolari ganhou consistência e venceu rivais difíceis, como a Itália – 4 a 2, na primeira fase – e o Uruguai – 2 a 1, na semifinal. Na decisão, o Brasil teve pela frente a Espanha, campeã mundial em 2010 e bicampeã europeia. O confronto era aguardado por todos desde que os ibéricos chegaram ao topo do futebol mundial, mas a Seleção Brasileira não deu chances ao adversário: venceu por 3 a 0, sem contestação.

A conquista ajudou a consolidar o trabalho de Felipão junto à imprensa e à torcida. Se, antes, a mídia especializada criticava as escolhas de Scolari, passou a elogiar o técnico depois da acachapante vitória sobre os espanhóis. De quebra, a torcida se envolveu com o time – um dos pontos altos aconteceu quando o público em Fortaleza cantou o hino nacional à capela, quebrando o protocolo da Fifa, antes de Brasil x México. Tudo indicava que a Seleção faria um bom papel no Mundial. O time tinha um

³⁵ Teixeira renunciou à presidência da CBF alegando problemas de saúde.

³⁶ O Superclássico das Américas era um torneio anual realizado entre as seleções do Brasil e da Argentina. Somente jogadores que atuassem nos dois países poderiam ser convocados. O campeão era definido após um jogo em cada país.

³⁷ Competição disputada entre as seleções campeãs continentais da Europa, Ásia, América do Sul, América do Norte e Central, África e Oceania, mais o país –sede e a atual campeã do mundo. Acontece sempre no ano anterior ao Mundial, no mesmo país da Copa do Mundo. Funciona como um evento-teste.

padrão de jogo, já vencera potências do futebol mundial³⁸ e tinha, em Neymar, o jogador capaz de desequilibrar partidas. Mas a Copa do Mundo mostrou que o cenário seria bem diferente do que se previa.

A disputa começaria, dentro de campo, no dia 12 de junho. O Brasil, como anfitrião, faria o jogo de abertura do torneio, contra a Croácia – adversária que, se não assustava, não era considerada presa fácil. Apesar de a Seleção Brasileira ter uma base que vinha jogando junta desde a Copa das Confederações, os olhos de todos estavam voltados para um nome do time: Neymar.

No texto de apresentação do jogo no jornal *O Globo* do dia da estreia, o protagonista é o camisa 10 do Brasil. Assinada pelo repórter Carlos Eduardo Mansur, a matéria apresenta o seu tom logo no subtítulo: “Neymar tem só 22 anos. Sobre seus ombros, a partir de hoje, o peso da responsabilidade de levar a seleção, em casa, ao sonho do hexa” (MANSUR, 2014; p. 3).

O foco no jovem que acabara de completar o primeiro ano como jogador do Barcelona³⁹, da Espanha, vinha desde antes do Mundial.

(...) por mais que todo o enredo da competição se restrinja ao máximo de sete partidas e ainda que o protagonismo/antagonismo dos jogadores dependa do desempenho majoritariamente travado em campo, a expectativa dos torcedores e da mídia brasileira parece recair sobre os ombros de Neymar, personagem previamente escolhido para liderar as “aspirações” nacionais do torneio. (FERRAZ & MARQUES, 2014; p. 117)

O texto veiculado em *O Globo* corrobora a visão de Ferraz e Marques – não seria sequer estranho alguém dizer que o trecho aqui destacado do artigo dos pesquisadores faz parte da matéria assinada por Carlos Eduardo Mansur. No texto do periódico carioca, o autor ainda traz o componente emocional à baila:

³⁸ Curiosamente, as duas potências – Espanha e Itália – foram eliminadas na primeira fase da Copa do Mundo.

³⁹ Neymar saiu do Santos, clube em que foi revelado, com destino ao Barcelona em maio de 2013. Oficialmente, o valor original da transferência era de 57 milhões de euros. Posteriormente, a justiça espanhola se debruçou sobre o caso e concluiu que o clube catalão cometeu crime fiscal na transferência do brasileiro. O valor do negócio foi atualizado pelo presidente do Barcelona para 86,2 milhões de euros.

O sonho de ganhar a Copa do Mundo começa a ser posto em jogo. Se virar realidade, a história dirá que o time de Neymar conquistou o hexacampeonato. Se a taça não vier, o time de Neymar terá perdido. Pode parecer cruel, mas é o futebol.⁴⁰

Além da confluência de temas, observa-se aquilo que Bourdieu (1997; p. 83) já falara: a mídia dá os seus vereditos. No caso da Seleção Brasileira, seguindo-se o texto de *O Globo*, conclui-se que o time é de Neymar e que o desempenho do Brasil na Copa será visto de forma binária, sempre colocando-se em foco o jogador do Barcelona.

Outro eixo temático explorado por Mansur diz respeito aos problemas estruturais da Arena Corinthians, palco do duelo entre Brasil e Croácia. O estádio custou mais de R\$1 bilhão e “apresentou problemas resultantes da falta de testes, como um elevador que parou com jornalistas dentro, escadas interditadas, falta de sinalização e desencontro de informação”⁴¹.

A enorme expectativa posta em Neymar foi correspondida, pelo menos no primeiro jogo. O atacante marcou dois gols e foi decisivo na vitória do Brasil por 3 a 1. Oscar foi o autor do outro gol e também se destacou. A juventude da dupla – ambos com 22 anos – foi o cerne do texto pós-jogo, publicado no dia seguinte à partida e assinado por Pedro Motta Gueiros.

Num momento em que o Brasil grita por conquistas sociais e esportivas, a coragem de uma geração que protesta por um país melhor é a mesma que moveu a seleção brasileira (...). Num time questionado por sua pouca experiência, (...) foram os mais jovens, Neymar e Oscar, (...) que abriram caminho para um período de esperança.⁴²

O repórter não se prende à descrição pura e simples dos lances da partida. Ele aproveita fatos recentes da história brasileira e os entrelaça com o que ocorreu no jogo e na cerimônia de abertura da Copa do Mundo, ocorrida antes do pontapé inicial. Nem mesmo o fato de a peleja ter acontecido no Dia dos Namorados escapa: Motta Gueiros⁴³

⁴⁰ MANSUR, Carlos Eduardo. **Conto de fadas**. O Globo. Rio de Janeiro, 12 jun. 2014. Copa 2014, p. 3. Anexo 1, pag. I.

⁴¹ Ibidem

⁴² GUEIROS, Pedro Motta. **Poder jovem**. O Globo. Rio de Janeiro, 13 jun. 2014. Copa 2014, p. 4. Ver Anexo 2, pag III.

⁴³ Ibidem.

escreve que “Neymar entrou em campo disposto a sacramentar seu casamento com a camisa dez”.

É interessante observar, também, como a expectativa construída em torno de Neymar deu resultado, afinal, o camisa 10 da Seleção fora o personagem principal da matéria do dia anterior. Problemas no serviço de internet da Arena Corinthians e as mortes de operários na construção do estádio paulista foram outros aspectos lembrados por Motta Gueiros. Mesmo assim, o tom final do texto demonstra esperança quando o autor escreve que “o inesperado sofrimento dentro de campo mostrou que a geração de Oscar e Neymar já está pronta para tomar o poder”⁴⁴.

Na partida seguinte, o Brasil enfrentaria o México, e uma vitória poderia carimbar o passaporte da Seleção para as oitavas de final da Copa do Mundo, dependendo do placar do outro jogo do grupo. O texto publicado no dia da partida em *O Globo* foi, novamente, assinado por Carlos Eduardo Mansur.

A estreia vitoriosa dos comandados de Luiz Felipe Scolari parece ter tido efeito, também, na redação do jornal carioca. Se no texto anterior à estreia o clima era mais de ansiedade do que de otimismo, a matéria publicada no dia 17 de junho escancara a crença numa boa atuação da Seleção Brasileira.

Livre da pressão da estreia e com a confiança em alta após vencer a Croácia, a seleção pisará o gramado do Castelão, às 16h, para enfrentar o México, num ambiente, em tese, mais tranquilo. Uma nova vitória pode até antecipar a classificação para as oitavas de final da Copa do Mundo. Mas há obstáculos. Em tese, menos assustadores do que na abertura. O favoritismo da seleção parece se desenhar com mais clareza.⁴⁵

No mais, o texto se prende à possível ausência do atacante Hulk, que sofrera uma lesão muscular durante os treinos da semana. São relatadas as opções de Scolari para substituir o jogador. A matéria aponta um favoritismo de Ramires para ocupar a vaga – o que acabaria se confirmando.

⁴⁴ GUEIROS, Pedro Motta. **Poder jovem**. O Globo. Rio de Janeiro, 13 jun. 2014. Copa 2014, p. 4. Ver Anexo 2, pag III.

⁴⁵ MANSUR, Carlos Eduardo. **Segundo ato**. O Globo. Rio de Janeiro, 17 jun. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 3, pag. IV.

Sobre o México, Mansur não cita qualquer jogador da equipe, mas pinta o adversário como uma seleção a ser respeitada, a despeito do otimismo com o time brasileiro. O motivo para a preocupação do repórter é o retrospecto da Seleção contra os mexicanos. O autor lembra que, nos últimos 15 jogos entre os dois times, aconteceram seis vitórias para cada lado – a final olímpica⁴⁶ não entra na lista, por ter sido disputada com jogadores de até 23 anos.

Em suma, os adversários da segunda rodada do Mundial são colocados, paradoxalmente, como oponentes mais fáceis do que a Croácia, rival da estreia; porém, o histórico recente, que fez os mexicanos virarem “adversário indigesto nos últimos anos”⁴⁷, causa certa preocupação em Carlos Eduardo Mansur – mas não pela qualidade da equipe do México, em nenhum momento citada no texto.

O temor mostrou-se justificado: o Brasil não conseguiu furar o bloqueio de *El Tri*⁴⁸ e ficou no 0 a 0. Guillermo Ochoa, goleiro mexicano, brilhou ao evitar que algumas chances brasileiras se tornassem gols. O texto publicado em *O Globo* no dia seguinte ao jogo é assinado por Mauricio Fonseca e tem um tom mais descritivo do que os anteriores.

Apesar de o repórter pincelar críticas à atuação da Seleção – notadamente, sobre os desempenhos de Oscar e Ramires – e de considerar o resultado bom, porque deixava o Brasil em situação confortável para garantir a classificação, Fonseca investe mais na descrição do jogo do que no texto de Pedro Motta Gueiros sobre a partida entre Brasil e Croácia. Há que se ressaltar o menor espaço ocupado pela matéria pós-Brasil x México – há um grande anúncio ocupando a maior parte do espaço.

Uma escolha interessante do autor foi a referência à torcida mexicana, que, durante o jogo, fez muito mais barulho no estádio do que os brasileiros. Isto chamou tanto a atenção de Fonseca que ele abriu o texto com esse detalhe, em vez de começar com alguma síntese sobre a atuação do Brasil, por exemplo.

⁴⁶ Na Olimpíada de Londres, em 2012, Brasil e México decidiram o torneio de futebol masculino. Apesar do amplo favoritismo tupiniquim, os mexicanos venceram por 2 a 1 e levaram o ouro. O título olímpico é, até hoje, a única conquista que falta à Seleção Brasileira.

⁴⁷ MANSUR, Carlos Eduardo. **Segundo ato**. *O Globo*. Rio de Janeiro, 17 jun. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 3, pag. IV.

⁴⁸ Apelido da Seleção Mexicana, em referência às três cores que compõem a bandeira do país.

Os jogadores da seleção brasileira passaram os dias que antecederam o jogo contra o México pedindo que a torcida cearense cantasse o Hino Nacional e não parasse de torcer um minuto sequer. Os jogadores mexicanos devem ter feito o mesmo. Com uma participação impressionante, a torcida do México não deixou que sua seleção se sentisse intimidada, mesmo num Castelão lotado.⁴⁹

Para garantir a classificação às oitavas de final sem depender de outros resultados, o Brasil precisava vencer Camarões, o último adversário do grupo. A missão não parecia difícil: o time africano tinha perdido os dois jogos anteriores, sofrido cinco gols e estava mergulhado em brigas internas⁵⁰. Mesmo assim, Aydano André Motta, autor do texto pré-jogo, definiu a partida como “a primeira decisão no Mundial caseiro”⁵¹.

Chama a atenção como o repórter julga as duas partidas anteriores do Brasil. Se, no texto pós Brasil x Croácia, a atuação da Seleção fora exaltada, aqui André Motta escolhe adjetivos diferentes para qualificar as últimas atuações. De quebra, o confronto contra Camarões é revestido de uma importância maior: vale para aumentar o moral do time.

Um empate com o eliminado Camarões leva o time de Luiz Felipe Scolari às oitavas de final – mas uma vitória é mais que necessária para Neymar e seus parceiros recuperarem a confiança e o moral perdidos na vitória desenhada na estreia, diante da Croácia e, pior, no decepcionante 0 x 0 com o México.⁵²

A matéria se limita a explicar as possibilidades para a classificação do Brasil. Se não vencesse, a Seleção precisaria contar com o resultado de México x Croácia, que jogariam simultaneamente. Nada sobre a escalação do time é falado nesse texto pré-jogo. O provável motivo é um enorme anúncio da marca de relógios Hublot. A peça traz

⁴⁹ FONSECA, Maurício. **México segura o Brasil**. O Globo. Rio de Janeiro, 18 jun. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 4, pag. V.

⁵⁰ Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/18/tecnico-de-camaroes-reprova-briga-entre-companheiros-de-time-vergonha.htm>. Acessado em 25 set. 2014.

⁵¹ MOTTA, Aydano André. **Empate classifica Brasil, mas só vitória recupera confiança**. O Globo. Rio de Janeiro, 23 jun. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 5, pag. VI.

⁵² Ibidem.

uma foto de Luiz Felipe Scolari, técnico da Seleção, e ocupa a maior parte da página três do caderno especial sobre a Copa do Mundo.

Apesar do destaque publicitário dado ao treinador do time brasileiro, o nome do jogo contra Camarões foi Neymar. O atacante fez dois gols e comandou a vitória brasileira por 4 a 1. A grande atuação do camisa 10 da Seleção foi devidamente registrada no texto do dia seguinte ao jogo, assinado por Carlos Eduardo Mansur. Além disso, o repórter fez uma pergunta que, vista após a Copa do Mundo, soa como uma profecia.

Neymar produziu um recital de futebol em Brasília. Driblou, passou, comandou, inventou, decidiu. É artilheiro da Copa, o sexto que mais gols fez na história da seleção. Tem só 22 anos. Onde vai parar? Boa pergunta. O problema é que cabe perguntar, também, onde vai parar a seleção se alguém parar Neymar. (...) Ontem, nos 4 a 1 contra Camarões, houve momentos em que Neymar não era um jogador do Brasil. Era o Brasil.⁵³

O autor seguiu a tônica de, a partir da atuação contra Camarões, olhar para o futuro, muito porque a Seleção acabara de disputar a fase de grupos. Dali para frente, começariam os jogos eliminatórios. A proximidade das fases decisivas e a má atuação do Brasil no primeiro tempo fizeram Carlos Eduardo Mansur não poupar críticas aos comandados de Felipão. O repórter chegou a chamar a atuação de constrangedora, por causa da dificuldade encontrada no primeiro tempo frente à fragilidade do time africano.

As mudanças promovidas por Scolari no segundo tempo deram uma centelha de esperança em Mansur. A vitória contra Camarões deixara o Brasil em primeiro no grupo. Com isto, o time iria a Belo Horizonte, enfrentar o Chile, equipe que conseguiu a classificação num difícil grupo, que tinha Espanha e Holanda – campeã e vice da Copa de 2010, respectivamente. Mas, no fim das contas, o autor apostava todas as suas fichas em Neymar.

O Chile apresenta seus perigos. Mas, a favor da seleção, jogam a tradição e a qualidade técnica, além do horizonte que se abriu no segundo tempo contra Camarões. E, mais importante de tudo, joga Neymar.⁵⁴

⁵³ MANSUR, Carlos Eduardo. **Artilheiro**. O Globo. Rio de Janeiro, 24 jun. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 6, pag. VII.

⁵⁴ Ibidem.

Já no dia do jogo contra o Chile, Maurício Fonseca traz um elemento novo: a questão emocional. Na coletiva de imprensa da véspera, Luiz Felipe Scolari e Thiago Silva, zagueiro titular e capitão da Seleção, ressaltaram o nervosismo de todo o time. O jogador, inclusive, quase chorou durante a entrevista⁵⁵.

Muito da emoção e ansiedade dos atletas advinha do fato de, contra o Chile, começarem os jogos eliminatórios. Quem perdesse, estaria fora da Copa do Mundo. O destaque dado ao lado emocional é tão grande que mesmo Neymar, tão protagonista dos textos quanto o é em campo, sequer é citado.

Dez entre dez jogadores da seleção admitem que estão ansiosos, emocionados, por estarem disputando a Copa do Mundo. O técnico Felipão também não esconde que anda nervoso, e, vez por outra, se pega assustado com tanta responsabilidade. (...) Na véspera da partida mais importante da seleção até agora, estão todos com os nervos à flor da pele.⁵⁶

As únicas referências à escalação do time se resumem ao possível desfalque do zagueiro David Luiz, que sentira dores nas costas, e à natural entrada do volante Fernandinho no time titular – o jogador atuara bem contra Camarões após sair do banco de reservas. A seleção do Chile praticamente não é destacada. Apenas o técnico do adversário é citado, numa passagem em que é dito que Felipão escondera o time para confundir Jorge Sampaoli, argentino que comandou o Chile no Mundial.

A intenção de Scolari não deu muito resultado: o técnico não conseguiu confundir o time do Chile, que fez um jogo duríssimo contra o Brasil. O placar de 1 a 1 no tempo normal levou à prorrogação – afinal, tratava-se de um jogo de oitavas de final. A persistência do empate fez com que a decisão fosse para as cobranças de pênaltis. Só então, a Seleção Brasileira conseguiu a classificação, ao vencer a disputa por 3 a 2 – Júlio César, goleiro do Brasil, defendeu dois pênaltis e viu a última cobrança dos chilenos parar na trave.

A dramaticidade e a alta voltagem emocional do jogo – o Chile chutou uma bola na trave no último minuto da prorrogação – foram um prato cheio para Pedro Motta

⁵⁵ FONSECA, Maurício. **Decisão sob tensão**. O Globo. Rio de Janeiro, 28 jun. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 7, pag. IX.

⁵⁶ Ibidem.

Gueiros fazer a matéria do dia seguinte. O repórter de *O Globo* abusou de metáforas, aproveitando-se do fato de o jogo ter acontecido no estádio Mineirão, em Belo Horizonte.

Dourado pelas camisas do Brasil e pelo sol da tarde, o Mineirão se transformou na maior das igrejas do estado para celebrar o “milagre” de Nossa Senhora do Caravaggio, a santa da qual Luiz Felipe Scolari é devoto. Símbolo do sacrifício, a trave trouxe a redenção, a começar pelo goleiro brasileiro. (...) Nos pênaltis, quando o chute de Jara explodiu no poste, depois de Júlio César ter pego duas cobranças, os místicos se deram conta de que a estrela que o Brasil persegue já acompanha Felipão faz tempo.⁵⁷

As analogias perpassam todo o texto. Por vezes, são usadas para comparar Júlio César, o goleiro do Brasil, com antigos arqueiros do escrete canarinho; em outras, as comparações criticam, de uma só vez, a postura da torcida brasileira e o desempenho do time em campo.

Contudo, a análise tática do jogo quase não é notada ao correr da matéria. O trecho final do texto, destinado ao relato dos lances capitais da partida, não traz qualquer menção ao domínio exercido pelos chilenos no segundo tempo. Outro ponto interessante é o pouco destaque dado à atuação de Neymar. O craque do time brasileiro foi anulado pela defesa chilena e pouco fez em campo, mas isto não é citado no texto. O nome do atacante só aparece na descrição do lance do gol do Brasil – afinal, foi ele quem cobrou o escanteio que resultou no gol de David Luiz – e no trecho em que Motta Gueiros fala sobre os pênaltis – Neymar converteu a quinta e última cobrança do Brasil.

Se, em outros textos, matérias inteiras eram construídas ao redor do jogador do Barcelona e havia certa aflição por saber o que seria do Brasil sem Neymar, na matéria pós-Brasil x Chile, o camisa 10 é apenas um coadjuvante. A estrela foi mesmo Júlio César, aposta⁵⁸ de Felipão saudada por Motta Gueiros, que remonta à metáfora do estádio como uma igreja para encerrar o texto.

⁵⁷ GUEIROS, Pedro Motta. **A estrela de Felipão**. O Globo. Rio de Janeiro, 29 jun. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 8, pag. X.

⁵⁸ Às vésperas da Copa de 2010, Júlio César era considerado um dos melhores goleiros do mundo pela imprensa especializada. Porém, a eliminação do Brasil para a Holanda naquele Mundial deu-se com uma falha do goleiro no lance de empate do adversário – a partida terminou 2 a 1 para os europeus. A partir daí, Júlio viu suas participações na Seleção rarearem. Apenas com a volta de Felipão ao comando da equipe, o goleiro recuperou espaço e tornou-se homem de confiança do técnico.

Buscando o lado esquerdo de Júlio César, que caiu para o canto certo, o chute carimbou a trave, a classificação e o “milagre” de Felipão. Antes de se sentir crucificado, Jara deve se agarrar na saga do goleiro brasileiro para lembrar que a redenção está a caminho, mesmo que seja preciso esperar 64 anos. Quem tem fé, a julgar pela aposta em Júlio César, nunca está desamparado. Amém!⁵⁹

No bolo, também coube a citação de uma figura genérica: o “goleiro brasileiro”, cuja redenção esperou 64 anos para ocorrer. A referência deste trecho é o Maracanazo, a derrota do Brasil na Copa de 1950. Na ocasião, o goleiro Moacir Barbosa ficou estigmatizado por, na opinião da imprensa da época, ter falhado no gol que deu a vitória e o título ao Uruguai. O jogador, morto em 2000, terminou a vida dizendo que “a pena máxima para um crime no Brasil é de 30 anos. Eu pago por aquele gol há 50”⁶⁰.

Voltando para 2014, a Colômbia seria a próxima adversária do Brasil. O time *cafetero*⁶¹ voltava a jogar um Mundial depois de 16 anos de ausência e trazia uma das gerações mais talentosas de sua história. A expectativa de uma boa participação estava se refletindo em campo: os colombianos chegaram invictos às quartas de final, tendo feito 11 gols e sofrido apenas dois. Os adversários do Brasil também tinham James Rodríguez, jovem meio-campo de 23 anos que já tinha feito cinco gols na Copa até ali.

Mas nem todas essas credenciais assustaram Carlos Eduardo Mansur, autor da matéria de apresentação do jogo, publicada no dia da partida. O repórter registra o sentimento da comissão técnica da Seleção Brasileira de que a Colômbia seria um adversário mais fácil do que o Chile, por causa do estilo de jogo.

No fundo, há uma certeza que domina a comissão técnica da seleção antes do jogo de hoje, às 17h, no Estádio Castelão, em Fortaleza: de que o jeito de jogar da Colômbia torna o rival de hoje mais à feição do Brasil. É clara a sensação de que a vitória está ao alcance. Até o tal compromisso marcado com o título, com a final da Copa, a “mão na taça”, voltou a aparecer no discurso.⁶²

⁵⁹ GUEIROS, Pedro Motta. **A estrela de Felipão**. O Globo. Rio de Janeiro, 29 jun. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 8, pag. X.

⁶⁰ Disponível em <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo,a-pena-perpetua-de-barbosa,1508993>. Acessado em 10 de outubro de 2014.

⁶¹ Apelido da Seleção Colombiana, em referência ao fato de o país ser um grande produtor de café.

⁶² MANSUR, Carlos Eduardo. **Agora sem temor**. O Globo. Rio de Janeiro, 4 jul. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 9, pag. XII.

A tensão menor antes do confronto válido pelas quartas de final veio após a forte descarga emocional do jogo contra o Chile, quando muitos jogadores choraram em campo, antes mesmo das cobranças de pênaltis. A cena causou um debate na imprensa esportiva, que recorria a psicólogos para explicar o emocional do time do Brasil.

No meio desse turbilhão, Luiz Felipe Scolari chamou seis jornalistas⁶³ próximos a ele para uma conversa reservada sobre a Seleção. A repercussão foi tanta que o tema acabou abordado na entrevista coletiva pré-jogo do técnico. As declarações de Felipão sobre o tema mereceram um box, localizado no centro da página do texto de apresentação do jogo.

Felipão reagiu ontem às críticas por ter reunido seis jornalistas para conversar na segunda-feira. (...)

Ele disse que não se arrependeu da iniciativa:

– Sempre fiz isso. Agora, se não puder fazer as coisas que gosto de fazer, se tenho que ser pautado para fazer A ou B, não adianta, eu vou fazer. Gostou, gostou; não gostou, vai para o inferno.⁶⁴

Apesar do rompante do técnico da Seleção, o clima antes da partida se anunciava mais leve. O Brasil venceria o jogo contra a Colômbia por 2 a 1 e garantiria a vaga na semifinal, mas, no fim das contas, o saldo não foi tão positivo assim. O motivo: a contusão que tirou Neymar da Copa do Mundo.

Aos 41 minutos do segundo tempo, o atacante da Seleção foi atingido nas costas pelo colombiano Zúñiga. O resultado foi a fratura de uma vértebra do jogador brasileiro. O caderno *Copa 2014* do dia seguinte dá a dimensão da perda: o texto sobre o jogo, habitualmente localizado na página 3 ou 4, dependendo do dia, foi deslocado para a página 6. As primeiras páginas foram dedicadas à repercussão da lesão do camisa 10 da Seleção Brasileira.

⁶³ Fernando Fernandes (Band), Juca Kfoury (ESPN Brasil / Folha de São Paulo), Luiz Antônio Prósperi (O Estado de São Paulo), Osvaldo Paschoal (Fox Sports / Rádio Globo) e Paulo Vinícius Coelho (ESPN Brasil / Folha de São Paulo) foram os escolhidos de Felipão. Ao perceber que não havia ninguém da imprensa carioca, o técnico chamou um repórter de *O Globo*. Carlos Eduardo Mansur se juntou ao grupo. A conversa aconteceu na Granja Comary, centro de treinamento da Seleção, no dia seguinte ao jogo contra o Chile.

⁶⁴ MANSUR, Carlos Eduardo. **Agora sem temor**. O Globo. Rio de Janeiro, 4 jul. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 9, pag. XII.

A pergunta de Carlos Eduardo Mansur no texto pós-Brasil x Camarões era repetida por todos que acompanhavam a Copa do Mundo: o que será da Seleção Brasileira sem Neymar? A resposta precisava vir rapidamente, afinal, dali a três dias, o Brasil decidiria uma vaga na final do Mundial contra a Alemanha, time cotado como um dos favoritos ao título.

Mesmo com este caminho para construir o texto pós-jogo, Pedro Motta Gueiros seguiu uma linha diferente: usou como mote a dupla de zagueiros da Seleção, autora dos gols da vitória sobre a Colômbia – Thiago Silva, o capitão do time, fez o primeiro e David Luiz, o segundo. Antes, nos dois primeiros parágrafos, Motta Gueiros relata o impacto da perda de Neymar e a suspensão de Thiago Silva, que não enfrentaria a Alemanha por ter recebido o segundo cartão amarelo na Copa.

O interessante é notar o aspecto emocional do texto, de modo que a matéria torna-se, quase, uma conversa de torcedor – o autor – para torcedor – o leitor, com os dois dividindo os mesmos sentimentos.

Qualquer torcedor ou jogador brasileiro, que pensou ter vivido contra o Chile o maior drama desta Copa, foi lembrado que o futebol oferece perdão e castigo sem qualquer critério.
(...) Além da questão esportiva, a preocupação era com o ser humano, quando Neymar foi golpeado pelo joelho de Zúñiga e ficou estirado, de bruços. Na ansiedade do médico José Luiz Runco, via-se a face mais dolorosa de uma vitória. Chorando muito, o jogador foi levado para um hospital. As orações de todo o país foram com o craque que fraturou uma vértebra e está fora da Copa.⁶⁵

O foco nos dois defensores do Brasil foi uma estratégia, também, para deixar o texto com um tom mais otimista. O principal motor dessa tarefa, claro, foi a atuação da Seleção Brasileira. O time que deixava espaços enormes no meio-campo tornou-se mais compacto na primeira etapa contra os colombianos. Ao contrário do que ocorreu no texto do dia seguinte ao jogo contra o Chile, esse aspecto tático foi registrado na matéria pós-Brasil x Colômbia.

Além da braçadeira, o capitão carrega uma munhequeira para enxugar suor e lágrimas. O mesmo joelho que se dobrou às emoções contra o

⁶⁵ GUEIROS, Pedro Motta. **Arrepia, zagueiro**. O Globo. Rio de Janeiro, 5 jul. 2014. Copa 2014, p. 6.
Ver Anexo 10, pag. XIV.

Chile ontem serviu para marcar o gol, que celebrou a dimensão humana do capitão, ao completar escanteio cobrado por Neymar aos sete minutos.

(...)Apesar de o início dos elementos para a redenção de Thiago, a virada foi coletiva, a começar pelo técnico que soube diagnosticar e tentar sanar problemas na armação.

Com apenas Fernandinho na frente da zaga, e Paulinho alinhado com Oscar e Hulk, Neymar e Fred formavam a dupla de ataque de um time que soube avançar suas linhas e se manter compacto no primeiro tempo.⁶⁶

A partir de então, o que viria seriam incertezas. O adversário da semifinal, a Alemanha, jogava um futebol que, se não encantava, era um dos mais consistentes do Mundial. O time germânico tinha uma base que atuava junta tanto na seleção quanto no Bayern de Munique, principal clube do país e um dos mais fortes do mundo. Desde antes da Copa, a Alemanha era cotada como uma das favoritas ao título.

De quebra, pela primeira vez desde que Felipão reassumira a Seleção, no final de 2012, Neymar não jogaria com a camisa amarela. A hipótese de uma formação sem o camisa 10 nunca fora sequer aventada pelo técnico, muito menos treinada. Por isto, no dia da partida, Allan Caldas, Maurício Fonseca e Renato de Alexandrino assinam um texto cuja tônica é destrinchar as variações treinadas na véspera do jogo – Scolari não deu o menor sinal de qual usaria no jogo.

Hoje, Felipão e todo o país vão descobrir qual é o destino da equipe sem seu camisa 10 e principal referência, numa segunda “estreia” no Mundial: redesenhado, o time busca a vaga contra a Alemanha, às 17h, no Mineirão.⁶⁷

Meses após a Copa, um olhar distanciado acha no texto uma passagem crucial, em que os autores dizem o que Felipão ameaçou fazer, mas acabou não fazendo: fortalecer o meio campo da Seleção Brasileira. O setor era o ponto forte dos alemães e ponto fraco do Brasil nos jogos anteriores.

No treino de ontem, na Granja Comary, Felipão mostrou como pretende suprir a ausência de Neymar e superar uma Alemanha tida

⁶⁶ GUEIROS, Pedro Motta. **Arrepia, zagueiro**. O Globo. Rio de Janeiro, 5 jul. 2014. Copa 2014, p. 6. Ver Anexo 10, pag. XIV.

⁶⁷ CALDAS, Allan; FONSECA, Mauricio; ALEXANDRINO, Renato de. **Estreia sem o camisa 10**. O Globo. Rio de Janeiro, 8 jul. 2014. Copa 2014, p. 4. Ver Anexo 11, pag. XV.

por muitos como a melhor equipe entre as quatro semifinalistas: vencendo a batalha do meio do campo, setor mais forte do rival. Para mostrar como quer que o time jogue, fez um trabalho tático, sem adversário.⁶⁸

Um enfoque interessante dado pelos autores no texto é a comparação de como estavam ambas as seleções 12 anos atrás, quando decidiram a Copa do Mundo realizada na Coreia do Sul e no Japão. Na época, Scolari também era o técnico do Brasil. O gaúcho tinha à mão um grupo de jogadores experientes e Ronaldo em plena forma, ao contrário do que ocorria em 2014: um elenco jovem teria a missão de suprir a ausência do craque do time – Neymar.

Já a Alemanha, se se despedia de uma geração em 2002, via uma fornada de bons jogadores amadurecidos juntos em 2014. Apenas a descrição do estado das seleções mostra que havia uma diferença de estágio entre os dois times. Joachim Löw, o técnico alemão, por exemplo, está no cargo desde 2006, enquanto Felipão reassumiu o Brasil em novembro de 2012 – a reestreia⁶⁹ só aconteceu, de fato, em fevereiro de 2013.

O que se viu no gramado do Mineirão, em Belo Horizonte, certamente será lembrado daqui a 20, 30, 50 anos. Aos fatos: Scolari optou pelo jovem Bernard na vaga de Neymar – opção que fora treinada por apenas cinco minutos no dia anterior à partida. A escolha não surtiu o menor efeito. Com 29 minutos de jogo, o placar apontava 5 a 0 para a Alemanha. No segundo tempo, os germânicos fizeram mais dois tentos antes de o Brasil fazer o seu gol de honra: 7 a 1. Nada mais, nada menos do que a maior derrota da história da Seleção Brasileira – e dentro de casa, ainda por cima – e a maior derrota de um anfitrião de um Mundial.

O caderno *Copa 2014* do dia seguinte ao jogo reflete o tamanho da hecatombe: a crônica sobre a partida aparece apenas na página 6. Antes, vêm uma matéria analítica sobre o momento do futebol brasileiro e outra com a repercussão da entrevista coletiva concedida por Luiz Felipe Scolari depois da derrota.

⁶⁸ CALDAS, Allan; FONSECA, Mauricio; ALEXANDRINO, Renato de. **Estreia sem o camisa 10**. O Globo. Rio de Janeiro, 8 jul. 2014. Copa 2014, p. 4. Ver Anexo 11, pag. XV.

⁶⁹ Luiz Felipe Scolari voltou a dirigir o Brasil num amistoso contra a Inglaterra. O jogo aconteceu em Londres, por ocasião dos festejos dos 150 anos da Football Association, a entidade que organiza o futebol inglês. Os donos da casa venceram por 2 a 1.

A missão de resumir o que foi o jogo coube a Aydano André Motta, que aliou a veia de torcedor a exercícios retóricos para construir um parágrafo de abertura demolidor.

Quando se impôs o desafio de abrigar pela segunda vez a Copa do Mundo, o Brasil ambicionou fazer história. Conseguiu de maneira contundente e impensável, justamente onde conquistou, em jornadas cada vez mais amareladas na memória, algumas de suas glórias valiosas – dentro de campo. A seleção pentacampeã escreveu a página mais indigna do seu século de existência, ao ser massacrada pela Alemanha, por devastadores 7 a 1. Levou, como o placar eloquente comprova, um baile constrangedor, que expõe o profundo atraso em que o país está metido, justamente em seu esporte mais popular.⁷⁰

Em seguida, André Motta elenca os recordes batidos com o placar – além de pior derrota da história do Brasil, o 7 a 1 foi a maior goleada da história de uma semifinal de Copa do Mundo. A sequência de tantas marcas negativas batidas funciona como uma espécie de gradação, que culmina na frase que resume o espírito do texto: “O time de Luiz Felipe Scolari desmanchou-se num vergonhoso conjunto de hipérboles”⁷¹.

Apenas na metade final da matéria é que o autor começa a falar do chamado campo e bola – os lances do jogo. Aydano vai com tanta sede ao pote que comete um erro factual: ao criticar Felipão e dizer que a ausência de Neymar “expôs todas as deficiências da equipe canarinho”, o autor afirma que não havia nenhum outro desfalque além do camisa 10. Porém, o zagueiro Thiago Silva, capitão e uma das referências técnicas do time, também não jogou, porque estava suspenso.

A opção de Scolari ao armar o time também não escapa da metralhadora giratória de André Motta.

Mas o técnico tem pecados particulares a contabilizar. Cometeu o desatino de escalar uma formação jamais treinada, com Bernard aberto pela esquerda e um meio-campo vazio de homens e ideias. Tudo errado.⁷²

⁷⁰ MOTTA, Aydano André. **Desonra amarela**. O Globo. Rio de Janeiro, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. 6.
Ver Anexo 12, pag. XVI.

⁷¹ Ibidem

⁷² Ibidem.

O final do texto traz à tona, de volta, a derrota brasileira para o Uruguai na Copa de 1950. Aydano diz que o “futebol brasileiro tem vexame maior para velar”. No entanto, houve uma diferença entre os dois acontecimentos muito além do placar: após o Maracanazo, a Seleção Brasileira só voltaria a entrar em campo dois anos depois⁷³. Já depois da derrota para a Alemanha, o Brasil precisaria se recompor para disputar o terceiro lugar da Copa do Mundo, dali a quatro dias.

O adversário seria a Holanda, equipe que, em certos momentos da Copa, chegara a ser apontada como uma das favoritas ao título. Mas, de acordo com o texto de Carlos Eduardo Mansur publicado no dia do jogo, o maior rival não seriam os europeus, mas o desânimo que se abateu sobre a Seleção Brasileira. O jogo é tratado quase como um estorvo, principalmente depois de o Brasil sofrer a maior humilhação de sua história num campo de futebol.

Como uma espécie de penitência, Brasil e Holanda pisam o gramado do Mané Garrincha, às 17h, para a mais ingrata das missões: disputar o terceiro lugar da Copa do Mundo. Nenhum dos jogadores gostaria de estar ali. Em especial os brasileiros. Seja qual for o resultado do jogo, é quase certo que não irá se sobrepor aos 7 a 1 aplicados pela Alemanha na semifinal. Pelo contrário, uma nova derrota será apenas um ingrediente a mais na lista de equívocos cometidos ao longo do Mundial.⁷⁴

O clima de fim de festa é tão evidente que até mesmo Carlos Eduardo Mansur, mais afeito a um texto com análises táticas e conjunturais, escolhe o caminho comum e, a partir de determinado trecho, apenas descreve as experiências de Felipão no último treino antes do jogo. A pincelada mais analítica na matéria só retorna no fechamento do texto, quando Mansur fala sobre o último treino do Brasil na Granja Comary.

Cerca de 100 torcedores estavam na porta do Centro de Treinamento e outros tantos num condomínio ao lado do campo em que a seleção se exercitou. Levaram faixas de apoio e gritaram pelos jogadores mais queridos. No início, a retribuição veio em forma de acenos. Mas assim que Felipão encerrou a atividade, os jogadores viraram as costas e

⁷³ Disponível em <http://www.rsssfbrasil.com/sel/brazil194752.htm>. Acessado em 7 de outubro de 2014.

⁷⁴ MANSUR, Carlos Eduardo. **Jogar pelo que resta**. O Globo. Rio de Janeiro, 12 jul. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 13, pag. XVII.

foram para os vestiários. Mais um erro para a coleção brasileira nesta Copa.⁷⁵

A melancolia prosseguiu no dia seguinte, quando Pedro Motta Gueiros descreveu a derrota por 3 a 0 da Seleção Brasileira para a Holanda. Conhecida como a *Laranja Mecânica*⁷⁶, a adversária do Brasil nessa partida jogou de azul, mas tornou-se um prato cheio de referências para o autor da matéria pós-jogo. O título “No bagaço da laranja”⁷⁷ já dá uma ideia do caminho seguido pelo autor e indica a referência ao samba *Bagaço da laranja*, de Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz, que permeia todo o texto.

Apesar da lesão que o impediu de jogar as duas últimas partidas do Mundial, Neymar vestiu o uniforme e esteve no banco de reservas contra a Holanda. O fato não passou despercebido e serviu de ponte para um questionamento sobre o futuro do futebol brasileiro.

À beira do campo, Neymar já não sentia uma dor diferente da dos brasileiros. Desde que os 7 a 1 diante da Alemanha esmigalharam as ilusões do hexa, a lesão do craque se torna cada vez mais periférica. A julgar pela falta de reação, foi a seleção que fraturou a medula e a capacidade de transformar pensamento em ação. Diante de tamanha letargia, a começar pela recusa do técnico de enxergar a realidade, resta saber se o futebol brasileiro vai voltar a se movimentar com a exuberância de outrora.⁷⁸

Outro ponto interessante nesse texto é o reaparecimento de uma questão que ameaçou ter mais protagonismo, mas acabou relegada ao passar do Mundial: os estádios construídos para o torneio. No texto pré-jogo da estreia do Brasil, Carlos Eduardo Mansur citou problemas na Arena Corinthians. O mesmo fez Pedro Motta Gueiros, mas no texto seguinte à vitória do Brasil sobre a Croácia. Depois disso, o tema perdeu espaço nos textos analisados para questões do campo e bola.

⁷⁵ MANSUR, Carlos Eduardo. **Jogar pelo que resta**. O Globo. Rio de Janeiro, 12 jul. 2014. Copa 2014, p. 3. Ver Anexo 13, pag. XVII.

⁷⁶ O apelido vem do uniforme holandês, todo laranja em homenagem à Casa Real do país, e do filme *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick. A alcunha ganhou força a partir da Copa do Mundo de 1974, quando a Holanda surpreendeu o mundo e, com um futebol revolucionário, chegou ao vice-campeonato do torneio.

⁷⁷ GUEIROS, Pedro Motta. **No bagaço da laranja**. O Globo. Rio de Janeiro, 13 jul. 2014. Copa 2014, p. 4. Ver Anexo 14, pag. XVIII.

⁷⁸ Ibidem.

Porém, Motta Gueiros aproveitou-se da melancolia embutida na disputa de terceiro lugar – o estorvo citado por Carlos Eduardo Mansur no texto anterior – para retomar o tema. O que ajudou nisso foi o fato de o jogo ter acontecido no estádio Mané Garrincha, o mais caro da Copa do Mundo. Localizada em Brasília, a arena de 71 mil lugares custou R\$1,4 bilhão, e com suspeitas de superfaturamento⁷⁹. De quebra, a cidade não tem nenhum time de expressão nacional.

Apesar do público de 68 mil presentes, a disputa do terceiro lugar é um jogo para dar sentido ao vazio. Maior e mais caro estádio em que a seleção jogou, o Mané Garrincha abrigou sete jogos antes de voltar à realidade do indigente futebol candango. No momento em que é preciso repensar as instituições, o risco de que o estádio e a memória do craque sejam cobertos pela poeira vermelha de Brasília se confunde com o desafio da seleção.⁸⁰

O fecho macabúzio da participação brasileira na Copa de 2014 contrasta com as expectativas criadas no começo do torneio. A esperança da conquista do hexacampeonato mundial foi se desmanchando aos poucos: primeiro, quando o time de Felipão não conseguia jogar bem. Os repórteres de *O Globo*, notadamente Carlos Eduardo Mansur, sempre procuravam nos textos uma luz no fim do túnel para melhorar o time. Porém, essa luz não chegou. Depois, veio a contusão de Neymar, mais um golpe nas pretensões brasileiras, já que o atacante do Barcelona era a maior esperança do escrete canarinho. Por fim, a goleada sofrida para a Alemanha marcou de forma indelével a segunda Copa do Mundo sediada pelo Brasil.

Curiosamente, o Mundial de 1950 aparece na cobertura do periódico das Organizações Globo em dois momentos distintos. A primeira citação ocorre após o Brasil eliminar o Chile nos pênaltis. A atuação decisiva do goleiro Júlio César, para Pedro Motta Gueiros, redimiria a figura do arqueiro tupiniquim 64 anos depois de Barbosa ter sido crucificado por, supostamente, ter falhado no gol que deu o título de 1950 para o Uruguai. Mas, após Brasil x Alemanha, Aydano André Motta não hesita em afirmar que, com o 7 a 1, o país tem um vexame maior do que o Maracanazo para velar.

⁷⁹ Disponível em <http://www.contasabertas.com.br/website/arquivos/8830>. Acessado em 9 de outubro de 2014.

⁸⁰ GUEIROS, Pedro Motta. **No bagaço da laranja**. O Globo. Rio de Janeiro, 13 jul. 2014. Copa 2014, p. 4. Ver Anexo 14, pag. XVIII.

Mesmo considerando o calor do momento, a afirmação é sinal de que a Copa do Mundo de 2014 entrou para a história.

5 – Considerações finais

A análise de 14 textos do jornal *O Globo* sobre os jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2014 permitiu observar que os temas puramente futebolísticos dominaram a cena. Questões de infraestrutura monopolizaram o noticiário anterior ao início do Mundial e estiveram presentes até mesmo em textos cujos temas eram partidas – vide o texto pré-Brasil e Croácia, que cita problemas estruturais da Arena Corinthians, palco da abertura da Copa.

Porém, com o avançar da disputa, esses temas foram perdendo espaço na cobertura esportiva, sendo substituídos pelo que acontecia dentro de campo. Há que se fazer justiça: além de, em termos organizacionais, o Mundial de 2014 ter corrido bem, a trajetória da Seleção Brasileira dentro da competição foi, por si só, recheada de dramas e discussões.

Se, na primeira fase, o time garantiu a classificação sem convencer ninguém, nas oitavas de final, a classificação dramática, nos pênaltis, contra o Chile, foi um prato cheio para o noticiário. A partida seguinte, contra a Colômbia, marcou a contusão do melhor jogador do time brasileiro: Neymar sofreu uma pancada nas costas que o deixou de fora do resto da Copa do Mundo.

Mas o momento histórico ainda estaria por vir: a derrota de 7 a 1 para a Alemanha, na semifinal, tornou-se a maior da história da Seleção Brasileira. De quebra, deixou uma ferida aberta: no segundo Mundial sediado pelo Brasil, o escrete canarinho não conseguiu o título, ao contrário de outras grandes seleções⁸¹ que já tiveram a honraria.

A goleada inapelável para a Alemanha, segundo o jornalista Aydano André Motta, foi a ocasião em que “o time de Luiz Felipe Scolari desmanchou-se num vergonhoso conjunto de hipérboles”. Como se sabe, Neymar não estava em campo na derrota, mas a afirmação do repórter de *O Globo* permite uma observação curiosa: no texto pré-Brasil x Croácia, Carlos Eduardo Mansur não hesitou em ligar o sucesso da Seleção na Copa ao desempenho de Neymar. Porém, a contusão do principal jogador brasileiro mudou o foco das responsabilidades, justo no momento em que Seleção

⁸¹ Uruguai (1930), Itália (1934), Inglaterra (1966), Alemanha (1974), Argentina (1978) e França (1998) conquistaram o título das Copas que sediaram.

Brasileira viveu seu momento mais dramático no Mundial. A partir de então, Felipão passa a simbolizar, nos textos analisados, o vexame do time.

Esta dualidade chegou a acontecer até mesmo antes de Neymar se contundir: em Brasil x Camarões, o camisa 10 aparece no texto pós-jogo quase como o Brasil que dá certo, aquele que é infalível; já o resto da equipe ainda carecia de ajustes.

Outro ponto interessante que pôde ser observado é a sombra da Copa de 1950 nas análises. Em duas ocasiões, referências a esse acontecimento singular do futebol brasileiro aconteceram, mas com vieses distintos. Primeiro, no texto pós-Brasil x Chile, Pedro Motta Gueiros não hesitou em classificar a atuação de Júlio César como redentora da figura do goleiro brasileiro, tão crucificada após a suposta falha de Barbosa no gol que deu o título mundial de 1950 ao Uruguai. Após Brasil x Alemanha, no entanto, Aydano André Motta cravou que o 7 x 1 tornou-se um vexame maior para a Seleção Brasileira do que o Maracanazo.

Essas diferenças de tratamento sobre um mesmo fato exemplificam como a transformação do time e a campanha propriamente dita foram contadas por diferentes vozes em *O Globo*. Houve um rodízio de redatores nos textos pré e pós-jogos. Tal fato aconteceu por ajustes na escala dos profissionais que cobriam a Copa do Mundo e já estava acordado antes do início do torneio⁸². É possível perceber nos textos analisados que cada repórter imprime o seu estilo próprio. Se Pedro Motta Gueiros assina a matéria, sabe-se que muitas analogias estão no caminho. Se o autor é Carlos Eduardo Mansur, o viés analítico da parte tática aparece com mais força. Já Maurício Fonseca investe mais na descrição dos fatos.

Tal variação foi uma marca da cobertura de *O Globo* durante o Mundial. Percebe-se que não há uma forma a ser seguida no texto, afinal, a comparação foi feita entre matérias que se destinavam ao mesmo fim – ou apresentar o jogo, ou contar o que ocorreu dentro de campo.

A liberdade conferida a cada redator foi confirmada ao autor por Maurício Fonseca, veterano repórter de *O Globo* que participou da cobertura. No entanto, Fonseca ressaltou um fator importante nessa equação: o horário dos jogos. Como a maioria das partidas aconteceu à tarde, portanto, longe do horário de fechamento do jornal, o repórter tinha mais tempo para trabalhar o texto que entraria na edição do dia

⁸² Entrevista de Maurício Fonseca, repórter que participou da cobertura, ao autor deste estudo.

seguinte. Pela soma desses fatores, percebe-se que o periódico carioca mantém uma unidade nas diferenças, ou seja, apesar de os textos não seguirem uma linha geral, um mesmo autor segue a sua linha nos textos que faz, de modo que a identidade da cobertura é marcada pelo tom pessoal de cada repórter.

Esta observação traz outra questão à tona: como o jornalismo esportivo impresso pode se manter relevante? Afinal, principalmente quando o assunto é futebol, a tevê e a internet inundam de informações aquele que procura saber sobre o assunto. Mais: a televisão transmite os jogos ao vivo, leva ao torcedor tudo sobre o time dele sem que ele saia do sofá de casa. Durante este estudo, pôde-se ver marcas da transformação: se, em Copas anteriores, os jornais, ao lado das rádios, eram os carros-chefes da informação sobre o certame, o cenário mudou pouco a pouco e obrigou a imprensa escrita, aqui representada pelo jornal *O Globo*, ao menos nessa cobertura específica, a buscar estratégias narrativas para sair do lugar comum.

O caminho adotado pelo periódico carioca durante a Copa do Mundo pode ser uma opção para os meios impressos: a força do texto de autor, com foco em análise. O período recortado por este estudo apresenta outro fator: certamente, o cidadão interessado por futebol que leu a matéria publicada no jornal também assistiu ao jogo do Brasil. Portanto, a simples descrição dos fatos não o interessa. É necessário que o material do impresso avance, mostre algo além do trivial.

Desta forma, vê-se que o jornalismo esportivo impresso não fica imune, é claro, às transformações vividas pelo jornalismo como um todo. Se *O Globo* conseguiu imprimir um estilo mais pessoal nos textos sobre os jogos do Brasil, é preciso levar-se em conta as especificidades do período analisado. O desafio é, no dia a dia, conciliar a postura mais opinativa com o ritmo da produção do jornal.

6 - Bibliografia

Livros:

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997. Tradução de Maria Lúcia Machado.

CALDEIRA, Jorge. **Ronaldo**: Glória e drama no futebol globalizado. São Paulo: Editora 34, 2002.

CHADE, Jamil. **A Copa como ela é**: A história de dez anos de preparação para a Copa de 2014. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2012. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito.

JENNINGS, Andrew. **Jogo Sujo**: O mundo secreto da Fifa: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011. Tradução de Renato Marques de Oliveira.

MÁXIMO, João; CASTRO, Marcos de. **Gigantes do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

RIBEIRO JÚNIOR, Amaury et al. **O lado sujo do futebol**: A trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo. São Paulo: Planeta, 2014.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: Histórias da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, Ernesto. **Jogo duro**: A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Artigos:

AMARO, Fausto; HELAL, Ronaldo. A polifonia discursiva da Copa de 1994: os discursos autorizados sobre o tetracampeonato. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v. 3, n. 16, p.1-16, setembro/dezembro 2013.

CAMPOS, Anderson Gurgel. A Copa do Mundo como megaevento esportivo: afinal do que estamos falando? Uma abordagem comunicacional sobre a maior festa do futebol. In: ROCCO JÚNIOR, Ary José (Org.). **Comunicação e esporte: Copa do Mundo 2014**. São Paulo: Intercom, 2014. p. 311-334.

FERRAZ, Luís Henrique Mendonça; MARQUES, José Carlos. O “craque” brasileiro no período pré-Copa do Mundo: o protagonismo de Neymar e a análise de conteúdo da capa da revista IstoÉ (29/06/2011). In: ROCCO JÚNIOR, Ary José (Org.). **Comunicação e esporte: Copa do Mundo 2014**. São Paulo: Intercom, 2014. p. 114-137.

GASTALDO, Édison. Crônicas da pátria amada: futebol e identidades brasileiras na imprensa esportiva brasileiras. **Antropolítica**, Niterói, n. 19, p.147-162, 2º semestre 2005.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro Vicente do; SILVA, Carmelo. Pra frente, Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (Org.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011. p. 189-210.

____ ; SOARES, Antônio Jorge. O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: **ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**, XII, 2003, Recife. Compós. Congresso: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2003.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. O "novo ritmo da redação" de O Globo: a prioridade ao jornalismo digital e seus reflexos nas condições de trabalho e produção da notícia. **Parágrafo**, São Paulo, v. 2, n. 2, p.59-79, agosto/dezembro 2014.

Impressos:

CALDAS, Allan; FONSECA, Mauricio; ALEXANDRINO, Renato de. **Estreia sem o camisa 10**. O Globo. Rio de Janeiro, 8 jul. 2014. Copa 2014, p. 4.

FONSECA, Maurício. **México segura o Brasil**. O Globo. Rio de Janeiro, 18 jun. 2014. Copa 2014, p. 3.

_____. **Decisão sob tensão**. O Globo. Rio de Janeiro, 28 jun. 2014. Copa 2014, p. 3.

GUEIROS, Pedro Motta. **Poder jovem**. O Globo. Rio de Janeiro, 13 jun. 2014. Copa 2014, p. 4.

_____. **A estrela de Felipão**. O Globo. Rio de Janeiro, 29 jun. 2014. Copa 2014, p. 3.

_____. **Arrepiá, zagueiro**. O Globo. Rio de Janeiro, 5 jul. 2014. Copa 2014, p. 6.

_____. **No bagaço da laranja**. O Globo. Rio de Janeiro, 13 jul. 2014. Copa 2014, p. 4.

MANSUR, Carlos Eduardo. **Conto de fadas**. O Globo. Rio de Janeiro, 12 jun. 2014. Copa 2014, p. 3.

_____. **Segundo ato**. O Globo. Rio de Janeiro, 17 jun. 2014. Copa 2014, p. 3.

_____. **Artilheiro**. O Globo. Rio de Janeiro, 24 jun. 2014. Copa 2014, p. 3.

_____. **Agora sem temor**. O Globo. Rio de Janeiro, 4 jul. 2014. Copa 2014, p. 3.

_____. **Jogar pelo que resta.** O Globo. Rio de Janeiro, 12 jul. 2014. Copa 2014, p. 3.

MOTTA, Aydano André. **Empate classifica Brasil, mas só vitória recupera confiança.** O Globo. Rio de Janeiro, 23 jun. 2014. Copa 2014, p. 3.

_____. **Desonra amarela.** O Globo. Rio de Janeiro, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. 6.

Websites:

<http://www.anj.org.br>

<http://www.contasabertas.com.br>

<http://copadomundo.uol.com.br>

<http://esportes.estadao.com.br>

<http://pt.fifa.com>

<http://www1.folha.uol.com.br>

<http://g1.globo.com>

<http://globoesporte.globo.com>

<http://memoriaglobo.globo.com>

<http://placar.abril.com.br>

<http://www.rsssfbrasil.com>

<http://www.valor.com.br>

O protagonista CONTO DE FADAS



Neymar tem só 22 anos. Sobre seus ombros, a partir de hoje, o peso da responsabilidade de levar a seleção, em casa, ao sonho do hexa

CARLOS EDUARDO MANSUR

Enviado especial
carlos.mansur@oglobo.com.br

SÃO PAULO. Ele tem apenas 22 anos. E justamente no Mundial que será jogado em casa, terá todos os olhos do mundo a vigiá-lo. Tanto que foi escolhido para representar o time na última entrevista coletiva antes da estreia de hoje, às 17h, contra a Croácia, no Itaquerão. O sonho de ganhar a Copa do Mundo no Brasil começa a ser posto em jogo. Se virar realidade, a história dirá que o time de Neymar conquistou o hexacampeonato. Se não acontecer, o time de Neymar terá perdido. Pode parecer cruel, mas é o futebol.

A torcida acredita no talento de Neymar. A comissão técnica, em mais do que isso. O jovem que, a 24 horas de ser obrigado a começar a responderem campo, tudo o que espera dele é exagero ou não, distribuiu sorrisos e brincadeiras. Numa lateral do auditório do estádio, Carlos Alberto Parreira, coordenador técnico da seleção e um veterano de Copas, olhava com satisfação, mas sem surpresas, a leveza de Neymar.

— Pode acreditar: não está pesando nele. Estou lá dentro. Passo o dia observando na concentração, eu tento e não consigo detectar um detalhe que o preocupe, uma tensão. Ele é isso aí o dia inteiro — garante Parreira.

O cartão de visitas de Neymar foi emblemático ontem. Quando lhe pediram para fazer uma pergunta a Felipe, soltou um “professor, vou jogar amanhã?” seguido de uma gargalhada. Adiante, quando o técnico disse que ele não precisava ser o responsável por todos os gols, Neymar emendou: “Mas se fizer gol é bom, né?”. Estava descontraído, mas falou sério quando foi preciso. Até para assumir ter objetivos enormes na Copa do Mundo. Já mais tentou tirar o peso do Mundial como uma estratégia de defesa diante do imenso desafio para alguém ainda tão novo.

— Chegou a hora que o mundo inteiro esperava. Quero que o dia passe logo e chegue o jogo. Muitas pessoas queriam estar aqui. Recebi mensagens de amigos de infância. Eles dizem que estou conquistando o meu sonho e o deles também. Espero realizar o sonho de todos os brasileiros, que é ganhar o título — afirmou.

A pretensão pode não parecer mo-

Messi, do Cristiano Ronaldo — disse, para logo em seguida exaltar seus ídolos nacionais. — Em 2002, na primeira Copa que acompanhei todos os jogos, fiz o cabelo do Ronaldo. Eu me inspiro, sim, nele e no Romário. São dois craques que eu lembro quando falam em Copa do Mundo. Espero agora trilhar o meu caminho de sucesso.

Nesta hora, Felipe intercedeu.

— O astro da Copa do Mundo será o campeão. É impossível ser o craque, o melhor, sem conquistar o título. Este é o objetivo de todas as seleções — afirmou o treinador, fazendo coro com o discurso de Neymar de que a conquistado hexacampeonato está em primeiro lugar.

PALCO APROVADO E PEDIDO À TORCIDA

Para realizar o sonho dos brasileiros, Neymar terá, junto com o restante do time comandado por Felipe, que passar por sete desafios. Hoje, o primeiro deles, será no Itaquerão, o estádio do Corinthians, que impressionou os jogadores. A obra, que custou mais de R\$ 1 bilhão e ficou pronta aos 45 minutos do segundo tempo, apresentou ontem problemas resultantes da falta de testes, como um elevador que parou com jomalistas dentro, escadas interditadas, falta de sinalização e desconfortos de informação. Sem falar no entorno, cheio de obras inacabadas. Dentro, no entanto, na área usada pelos jogadores, a impressão foi a melhor possível.

— A gente anda pelos maiores estádios do mundo. E não se encontra nada melhor para os jogadores, em termos de estrutura e conforto. O time ficou impressionado — relatou Parreira.

Nesse estádio, a seleção espera viver um novo ato de uma relação que, desde a Copa das Confederações, tem clima de lua de mel: a aliança com o torcedor.

— Contamos com o nosso 12º jogador, ou com o jogador número 1, que é a torcida. Se estiver 100% ao nosso lado, o tempo todo, é difícil ganhar da seleção brasileira — disse Neymar, que alertou que o jogo com a Croácia pode ter momentos de dificuldade e tensão. — Temos um time paciente. Em Copa do Mundo não tem jogafácil. Temos que nos preparar para não errar. Nossa

FICHADO JOGO

BRASIL: Júlio César, Daniel Alves, Thiago Silva, David Luiz e Marcelo; Luiz Gustavo, Paulinho, Oscar e Hulk, Neymar e Fred.
CROÁCIA: Pletikosa, Srna, Corluka, Schindler e Vrsaljko; Vurojevic, Modric, Perisic, Kovacic e Zakitić; Olic.

JUIZ: Yuichi Nishimura (Japão).

LOCAL: Itaquerão.

HORÁRIO: 17h.

TRANSMISSÃO: Rede Globo, Rede Bandeirantes, Sportv, ESPN Brasil, Fox

desta. Mas o discurso é. O mesmo Neymar que admite ter responsabilidades, que fala em realizar o sonho dos brasileiros, garante não acreditar que tenha o compromisso de ser protagonista. E não põe em sua lista de objetivos os prêmios individuais.

— Não quero ser o melhor jogador da Copa, o artilheiro da Copa. Quero o título. É o que sempre sonhei — disse Neymar.

Aliás, contam-se nos dedos as vezes em que o Brasil entrou numa Copa do Mundo com um jogador tão jovem tendo a missão de ser o astro do time. Pelé, quando espantou o mundo em 1958, na Copa da Suécia, tornou-se astro internacional após o torneio. Não despertava a expectativa que está posta em Neymar neste momento da carreira. Já Ronaldo, estesim, era astro do Brasil em 1998, na França, quando jogou a Copa do Mundo aos 21 anos. Ou seja, era mais jovem do que Neymar. E, ao que tudo indica, não suportou a pressão no dia da final.

Não é preciso voltar muito no tempo para chegar aos dias em que a relação entre Neymar e os grandes astros do futebol era vivida através da TV ou do videogame. Hoje, ele joga com eles e contra eles. Mas ainda guarda traços do fã, revelados quando foi perguntado sobre quem poderia ser, então, o grande astro do Mundial.

— A Copa tem grandes jogadores. Sou fã do

Sportse Rádio Globo.

equipe é completa, cada um sabe o seu papel. Podemos ir muito longe — garantiu o craque.

Um dos astros croatas, o meia Modric, principal preocupação de Felipão, é rival usual de Neymar na Espanha, já que comanda o meio-campo do Real Madrid.

Descontraído do início ao fim da entrevista de ontem, Neymar surpreendeu até quando lhe perguntaram como idealizava o lance de seu primeiro gol numa Copa do Mundo. Ao contrário do que se podia esperar, não quis nada além de ver a bola entrar. Sem grandes fantasias. Não precisa ser de placa, o atacante quer ver gol.

— Espero que seja o mais fácil possível.

Sabe, daquelas bolas que só pra empurrar para o gol, sem goleiro — disse, abrindo os braços como se comemorasse.

Hoje, se comemorar um gol e abrir o caminho para a conquista do hexacampeonato, terá dado o primeiro passo para fazer história pela seleção e para chegar ao topo do futebol mundial. E tem só 22 anos. ■



Nova geração PODER JOVEM

Neymar e Oscar, ambos com 22 anos, encarnam a coragem e abrem caminho para esperança no hexa

PEDRO MOTTA GUEIROS
Enviado especial
pedromg@oglobo.com.br

-SÃO PAULO- Num momento que o Brasil grita por conquistas sociais e esportivas, a coragem de uma geração que protesta por um país melhor é a mesma que moveu a seleção brasileira ontem em sua estreia, na vitória sofrida por 3 a 1 sobre a Croácia. Num time questionado por sua pouca experiência, já que apenas três de seus titulares haviam jogado numa Copa, foram os mais jovens, Neymar e Oscar, ambos de 22 anos, que abriram o caminho para um período de esperança. Enquanto o camisa 10 fez dois gols para virar o jogo, Oscar completou a vitória

já nos acréscimos como um prêmio pela atuação que mostrou o poder da realidade sobre a imaginação. Dentre os problemas que a Copa anunciava, Oscar era um deles. Ameaçado de perder a vaga, ao menos nas mesas redondas e dos botecos, o camisa 11, que foi pai pela primeira vez na semana passada, se comportou como um chefe de família e botou ordem na casa desorganizada pelo gol da Croácia, logo no início do jogo.

Recorrentes faixas abertas pelas manifestações contra a Copa, a frase "Quando comemora um gol, você está sendo roubado" serve como licença poética para atenuar sofrimento dos croatas e demais rivais do Brasil em estreias desde 1982. Das nove vitórias da seleção, quatro

foram conquistadas com decisões favoráveis da arbitragem. Ontem, só o japonês Nishimura viu pênalti em lance que Fred desabou sem ser tocado pelo marcador.

Dentre as diversas interpretações que a logomarca da Copa de 2014 oferece, o movimento das mãos sem torná-lo troféu sugere a intenção de pegá-lo a qualquer custo. Outra leitura, em que as mãos verdes formam um rosto coberto pela mão amarela, revela vergonha e pesar pelos gastos e pelas mortes de oito operários. Diante a solenidade de abertura da Copa, nenhum deles teve o nome citado em meio ao breve agradecimento àqueles que construíram os estádios.

O roteiro previsível da festa, que foi da capoeira às tradições gaúchas, terminou com um abalo gigante que se abriu em flor no centro do campo. Em vez de enrolação, a torcida esperava pela hora de assumir a relação, tão discutida nos últimos anos. Em pleno Dia dos Namorados, Neymar entrou em campo disposto a sacramentar seu casamento com a camisa dez. Com olhos marejados na hora do hino, o craque viu a vibração que levou a seleção ao título da Copa das Confederações dissipar pela acústica deficiente do Itaquerao e do mau início do time brasileiro.

Como mesma fragilidade do sinal de internet oferecido ao público e imprensa, o Brasil passou em branco no início do jogo. Sem conexão entre os setores, o time deixava espaços para o avanço croata pelas laterais. Num deles, aos dez minutos de jogo, Marcelo acabou marcando contra na tentativa de cortar cruzamento da esquerda que passara por Daniel Alves, Thiago Silva e pelo croata Jelavic. Com cabelos em pé, o lateral tinha a cara de um Brasil que se deparava com velhos fantasmas.

Depois de o país passar os últimos 64 anos contando sua história futebolística a partir da derrota em casa para o

Uruguai, a nova saga começou pelo mesmo sofrimento. Sem tambores, foguetes nem bandeiras, como determina o padrão Fifa, o Itaquerao entrou no ritmo de "Sampa", de Caetano Veloso.

Condenados ao limbo desde a derrota para o Uruguai, os jogadores de 1950 reviraram no túmulo dosamba até São Paulo confirmar os versos do poeta. No aceso do avesso do que ocorreu na primeira Copa no Brasil, em que a seleção amargou derrota na final depois de sair vencendo por 1 a 0, ontem, o começo em desvantagem lembrou o fim de uma era.

Em meio ao panorama sombrio trazido pelo gol da Croácia, o fim de tarde pintou o céu de rosa no exato momento em que Oscar roubou a bola no meio de campo antes de Neymar empatar o jogo, com chute de esquerda, aos 28 minutos.

O paulistano ainda teria que esperar boa parte do segundo tempo para relaxar. Ao receber cruzamento de Oscar e tentar girar o corpo diante da marcação de Lovren, Fred desabou junto com torcida que comemorou a marcação do pênalti, convertido por Neymar, aos 25. O goleiro Petrakos ainda tocou na bola, que voltou a entrar de forma chorada.

O sofrimento se transformou em alívio nos minutos finais. Com a camisa 11 e o toque de bico consagrados por Romário, Oscar fez o terceiro. Se faltava experiência, a seleção já mostrou que está disposta a lutar até o fim. Com relativa serenidade nas ruas, o inesperado sofrimento dentro de campo mostrou que a geração de Oscar e Neymar já está pronta para tomar o poder. ■

NA WEB
GALERIA DE FOTOS
oglobo.com/esportes
As melhores imagens do jogo de abertura Brasil x Croácia

SEGUNDO ATO

Contra o México, um Brasil mais leve tem obstáculos a superar: a lesão de Hulk e um rival que virou indigesto

CARLOS EDUARDO MANSUR
carlos.mansur@oglobo.com.br

•FORTALEZA• Livre da pressão da estreia e com a confiança em alta após vencer a Croácia, a seleção pisará o gramado do Castelão, às 16h, para enfrentar o México, num ambiente, em tese, mais tranquilo. Uma nova vitória pode até antecipar a classificação para as oitavas de final da Copa do Mundo. Mas há obstáculos. Em tese, menos assustadores do que na abertura. O favoritismo da seleção parece se desenhar com mais clareza. Mas o caso é que o México, historicamente uma presa fácil, virou adversário indigesto nos últimos anos. Enquanto isso, o técnico Luiz Felipe Scolari viverá uma situação rara em sua atual passagem pelo comando do Brasil. Até aqui, em jogos oficiais, só fora obrigado a mexer no time uma vez, o que pode acontecer hoje novamente.

Com os coletes dos titulares na mão, Felipe olhava fixamente para as tribunas do Castelão ontem à tarde. Queria se certificar de que, passados os 15 minutos de treino aberto à imprensa, tempo dedicado a um despretenhoso aquecimento e uma pouco esclarece-

dora troca de bolas entre jogadores, o estádio estava vazio. Hulk tem grandes possibilidades de desfalar a seleção hoje. E, também parece claro, Ramires é a primeira opção do técnico. Mesmo assim, ao decidir fechar o treino pela primeira vez desde o início da preparação para a Copa, quis ter liberdade para ensaiar jogadas e, pelo menos, tentar gerar dúvidas no adversário sobre qual será a escalação do Brasil.

HULK SERÁ REAVALIADO ANTES DO JOGO

Hulk fez exame de ressonância magnética ontem pela manhã, em Fortaleza. Não foi constatada uma lesão muscular na parte posterior da coxa esquerda, onde ele sentiu dor. Mesmo assim, o jogador ficou em tratamento na concentração. Segundo os médicos, será reavaliado hoje para saber se pode jogar.

Felipe já dirigiu o Brasil em seis jogos oficiais desde que reassumiu o time: cinco pela Copa das Confederações de 2013 e a estreia no Mundial, contra a Croácia. Nestes jogos, só uma vez perdeu um jogador por contusão: contra a Itália, no ano passado, Paulinho deu lugar a Hernanes. Em todos os demais jogos, Felipe escalou o mesmo time titular que

começou a disputa do Mundial.

— Claro que perco (se Hulk não jogar) no sistema que temos jogado habitualmente. Mas, com outras características, tenho jogadores que podem acrescentar velocidade ou marcação — afirmou.

Quando falou em velocidade, se referia a Bernard ou Willian. Ao falar de marcação, citava Ramires. Que deve ser o escolhido, após treinar novamente como titular ontem. Ele também fora o substituto de Hulk no treino de domingo.

— Felipe escolheu 23 jogadores e todos podem jogar. Ele pode fechar os olhos e escolher Bernard, Willian, Ramires... — disse Thiago Silva, alvode brinde de Felipe, que perguntou se ele estava escalando o time. — Longe de mim, ainda não quero esta responsabilidade.

Ramires, provável titular de hoje, teve trajetória acidentada com Felipe até se firmar na seleção. Titular na estreia do treinador, contra a Inglaterra, foi cortado por lesão nos dois amistosos seguintes, um deles em Londres, onde mora. Após agendar exame no hotel da seleção, na capital inglesa, apresentou-se com atraso e ganhou um "gelo" do técnico: ficou fora da Copa das Confederações. Voltou a ser chamado em se-

tembro passado e não saiu mais do grupo.

CONFRONTO EQUILIBRADO

Nos últimos 15 jogos entre Brasil e México, houve seis vitórias para cada lado, sem contar a final olímpica de 2012, vencida pelos mexicanos em Londres. Antes disso, o Brasil tinha 16 vitórias contra quatro dos rivais. Os duelos tornaram-se mais frequentes ultimamente. Foram quatro jogos desde 2011, o último deles a vitória do Brasil na Copa das Confederações. Deste jogo, o México pode tirar mais ensinamentos do que o Brasil, que manteve 70% do elenco para o Mundial. Já os mexicanos mudaram 13 dos 23 nomes e tiveram três técnicos.

— Contra o Brasil, o México sempre se comporta como grande time. Estudamos o time, mas eles mudaram muito nos últimos 12 meses — disse Felipe.

Lembrado da derrota olímpica pela imprensa mexicana, ele disse que não era técnico do Brasil. Mano Menezes estava no cargo. O resultado pavimentou o caminho da queda do antecessor.

— Lembrança? Nenhuma, não estava lá — disse Felipe. ●

MÉXICO SEGURA O BRASIL

Torcida mexicana dá show no Castelão e vê o goleiro Ochoa brilhar no empate sem gols com a seleção brasileira

MAURICIO FONSECA
Enviado especial
mdf@oglobo.com.br

FORTALEZA— Os jogadores da seleção brasileira passaram os dias que antecederam o jogo contra o México pedindo que a torcida cearense cantasse o Hino Nacional e não parasse de torcer um minuto sequer. Os jogadores mexicanos devem ter feito o mesmo. Com uma participação impressionante, a torcida do México não deixou que sua seleção se sentisse intimidada,

mesmo num Castelão lotado. Acabou premiada com um empate de 0 a 0, resultado que, aliás, acabou sendo bom para os dois. Se o Brasil empatar seu próximo jogo, dia 23, contra Camarões, estará classificado para as oitavas de final. O mesmo acontecerá com o México, que enfrentará a Croácia.

ÚLTIMO 0 A 0 FOI EM 1994

O empate de 0 a 0 de ontem foi o primeiro da seleção em copas desde o 0 a 0 com a Itália, na final de 1994 — o Brasil ac-

bou conquistando o tetra na disputa de pênaltis. A seleção lidera o Grupo A com quatro pontos e um melhor saldo de gols do que o México.

— Faltou fazermos o gol — lamentou o técnico Felipão após a partida. O treinador brasileiro completou ontem 50 jogos à frente da seleção e viu interrompida uma sequência de 13 vitórias consecutivas em competições organizadas pela Fifa. Até ontem, tinham sido sete vitórias em 2002, cinco na Copa das Confederações do

ano passado e a vitória sobre a Croácia na estreia.

É verdade que o goleiro mexicano Ochoa fez pelo menos quatro defesas sensacionais, mas faltou o gol e muito mais. Com Oscar bem abaixo da estreia e Neymar muito bem marcado, a equipe brasileira teve dificuldades para furar o forte bloqueio mexicano. No primeiro tempo, as melhores chances do Brasil foram numa cabeçada de Neymar aos 25 e numa conclusão de Paulinho, após lindo passe de Thiago Silva com o

peito, já nos acréscimos. Em ambas Ochoa brilhou.

RAMIRES FOI MAL

Como Ramires, que substituiu Hulk, foi muito mal, Felipão lançou Bernard no intervalo. Mesmo assim, o time não melhorou. Continuou excessivamente dependente de Neymar. O camisa 10 da seleção, por sinal, quase fez um belo gol, aos 23. Mas novamente, parou em Ochoa.

A entrada de João no lugar de Fred, que nada fez em campo, também não surtiu efeito. O

atacante só brigou com a bola.

A seleção mexicana, por sua vez, foi melhor nos últimos 45 minutos. Adiantou a marcação e obrigou o Brasil a sair jogando na base do chutão. Com mais posse de bola, ameaçou o gol de Júlio César com chutes de fora da área. Num deles, o goleiro brasileiro fez boa defesa, em chute de Jimenez.

O gol brasileiro poderia ter saído aos 40 minutos, mas a cabeçada à queima roupa do capitão Thiago Silva parou nas mãos milagrosas de Ochoa. ●

Empate classifica Brasil, mas só vitória recupera confiança

AYDANO ANDRÉ MOTTA
Enviado especial
aydano.motta@oglobo.com.br

-BRASÍLIA- Os planos pré-Copa não eram exatamente esses, mas a seleção brasileira viverá, no epílogo de sua trajetória na fase inicial da competição, a primeira decisão no Mundial caseiro. Um

empate com o eliminado Camarões leva o time de Luiz Felipe Scolari às oitavas de final — mas uma vitória é mais que necessária para Neymar e seus parceiros recuperarem a confiança e o moral perdidos na vitória desenhada na estreia, diante da Croácia e, pior, no decepcionante 0 x 0 com o México.

O outro jogo do Grupo A acontecerá à mesma hora — 17h — na Arena Pernambuco. O Brasil garantirá o primeiro lugar de sua chave se:

1. vencer, simplesmente.
2. empatar, desde que Croácia e México também empatem.

Em caso de uma improvável derrota (o adversário africano

não ganhou de ninguém e está rachado em brigas internas), a seleção ainda poderá ir às oitavas. Basta que o México vença a Croácia. E mesmo com vitória dos europeus, o time pentacampeão continuará com chances, no saldo de gols. Só um empate em Recife eliminaria o Brasil em caso de derrota para Camarões. ●

ARTILHEIRO

Craque exibiu seu repertório nos primeiros 45 minutos, quando o jogo estava difícil, e abriu caminho para time crescer e mostrar alternativas para o futuro

CARLOS EDUARDO MANSUR

Enviado especial

carlos.mansur@oglobo.com.br

-BRASÍLIA- Neymar produziu um recital de futebol em Brasília. Driblou, passou, comandou, inventou, decidiu. É artilheiro da Copa, o sexto que mais gols fez na história da seleção. Tem só 22 anos. Onde vai parar? Boa pergunta. O problema é que cabe perguntar, também, onde vai parar a seleção se alguém parar Neymar. Ou se ele receber cartão, sentir uma lesão. Ontem, nos 4 a 1 contra Camarões, houve momentos em que Neymar não era um jogador do Brasil. Era o Brasil.

Por 45 minutos, o jogo que decidiu a classificação do Brasil como líder da chave, para enfrentar o Chile, sábado, em Belo Horizonte, beirou o constrangimento. Tamanha a dificuldade diante de um rival batido, limitado e sem seus três melhores jogadores. Não havia transição da defesa para o ataque, sobra-

mais que se esforce, não reedita seus melhores momentos. Talvez sua saída no intervalo tenha sido sintomática de que seus dias como titular podem ter acabado. Até o intervalo, o Brasil só existia ofensivamente quando roubava uma bola no ataque ou quando as bolas longas da defesa venciam a zaga de Camarões. Ou, claro, quando Neymar tinha a bola.

Mais na frente, se Hulk jogava mal, a segunda parte do jogo apresentou dois jogadores mais acesos, mais vivos: Ramires e Willian. Um deixa o time mais seguro, outro é mais ativo na criação de jogadas em velocidade. Sem contar Oscar, que começou o jogo muito aberto para a esquerda, ausente da criação. Depois, cresceu com o time.

Mas é preciso, justiça seja feita, levar em consideração que o adversário dos 45 minutos finais era um time entregue, aberto. Ainda mais após sofrer o terceiro gol, que àquela altura levava o placar a 3 a 1.

vam espaços para Camarões tramarem suas jogadas. Ao menos, diante da sensação de que, coletivamente, o time piorou em vez de melhorar, o jogo ofereceu alternativas para o futuro. Em especial no segundo tempo.

FERNANDINHO ENTRA BEM

O Brasil sem jogadas ou ideias da etapa inicial deu lugar a um time que conseguia progredir, ter uma saída de bola mais eficiente com Fernandinho no lugar de Paulinho. Este último, por

Então o Brasil não pode ganhar a Copa? Claro que pode. Por razões que vão além do jogar em casa, ter torcida e clima a favor. Instabilidades e possíveis mudanças no time à parte, há qualidade individual. Os zagueiros têm técnica, Marcelo tem ofensividade respeitável, Oscar sabe marcar e armar. A questão é que nem sempre tais virtudes aparecem. Ou se escondem nos defeitos coletivos do time. O que não falha é Neymar, o fenômeno de 22 anos.

O Brasil começou apressado, afoito para decidir. Atacava e era atacado, num jogo franco e perigosíssimo. Só que levar a bola da defesa ao ataque, com escala no meio-campo, era um exercício impraticável para a seleção. Por sorte, David Luiz e Thiago Silva têm técnica e seus lançamentos, por vezes, vencem a estatística. Na lei da probabilidade, tais bolas longas são propícias ao corte da defesa.

O primeiro passe longo achou Neymar, mas Paulinho foi travado na hora do chute. Aos 16, pouco depois de Aboubakar quase marcar, o Brasil roubou a bola no campo ofensivo, obra do excelente Luiz Gustavo. O volante cruzou e Neymar abriu o placar num toque preciso.

A seleção era tudo, menos segura. Levou uma bola no travessão e, aos 25, sofreu o gol de Matip. Coube a Neymar levar a bola para o centro do campo. O jovem craque também comanda. Mas não foi só isso. Após outro passe longo, ele pegou rebatida da defesa e chutou no contrapé do go-

leiro: 2 a 1. Aos 45, ainda produziria mais duas preciosidades. Numas delas, Hulk quase fez.

FRED DESENCANTA

Justo dizer que o Brasil melhorou no segundo tempo. E Camarões piorou. Quase largou o jogo. E surgiu Fernandinho. Seu cartão de visitas foi o avanço e o toque para David Luiz cruzar. E aí surgiu outro personagem importante. Se quer jogar com centroavante, Felipão precisa de Fred. Não havia um melhor do que ele para convocar. E não há um melhor no elenco. Bom que o atacante tenha reencontrado o gol: 3 a 1.

A seleção era mais dinâmica e criativa nesse instante. A bola percorria o campo da defesa ao ataque. Havia menos chutes desde a defesa. Aos 38, Fernandinho fechou o placar e abriu de vez a disputa por um lugar no time.

O Chile apresenta seus perigos. Mas, a favor da seleção, joga a tradição e a qualidade técnica, além do horizonte que se abriu no segundo tempo contra

Camarões. E, mais importante de tudo, joga Neymar. ●

DECISÃO SOB TENSÃO

David Luiz é dúvida. Felipão e Thiago Silva admitem que está difícil controlar os nervos antes do jogo contra o Chile

MAURICIO FONSECA

Enviado especial

mdf@oglobo.com.br

BELO HORIZONTE. Dez entre dez jogadores da seleção admitem que estão ansiosos, emocionados, por estarem disputando a Copa do Mundo. O técnico Felipão também não esconde que anda nervoso, e, vez por outra, se pega assustado com tanta responsabilidade. Hoje, às 13h, o Brasil enfrenta o Chile, no Mineirão, pelas oitavas de final. Quem ganhar passa para as

quartas; quem perder verá o restante dos jogos pela TV. É decisão. Na véspera da partida mais importante da seleção até agora, estão todos com os nervos à flor da pele. E, para complicar, David Luiz é dúvida.

Nesta hora, experiência conta pouco. O coração bate mais forte, a garganta fica seca. Os jogadores garantem, porém, que quando a bola rola, os batimentos voltam ao normal. É o que se espera.

— Mesmo depois de tantos anos e tantas competições, algu-

mas coisas ainda mexem com a gente. É normal que se sinta um incômodo, uma ansiedade, principalmente na fase de mata-mata. Agora não podemos mais errar. Ficamos um pouco mais envolvidos, diria até um pouco mais assustados. Quando estou sozinho no meu quarto, penso muito e às vezes sinto que estou nervoso. Mas quando estou com os jogadores não posso passar minha ansiedade — admitiu Felipão, que está disputando a sua terceira Copa do Mundo.

E Felipão tem motivos para

estar tenso. Ontem, o zagueiro David Luiz, que na quinta-feira deixou o treino em Teresópolis, reclamando de dores nas costas, voltou a se queixar. Ele fez um exame de ressonância magnética, que nada acusou. O jogador, um dos líderes do grupo, está receoso.

— Não sei se vou para o jogo — disse após o treino, do qual só participou da primeira parte.

O capitão Thiago Silva é outro que admite que está difícil segurar a emoção. No primeiro jogo, contra a Croácia, estava

po, o treinador tenta mostrar que apesar de toda a cobrança, trata-se de mais uma competição, em que só uma equipe vai sair vencedora.

— Se os chilenos forem melhores do que nós e vencerem, não podemos ficar de cabeça baixa, acabarmos com a vida, nos jogarmos num poço fundo. A vida vai seguir — frisou.

Num mata-mata, o lado emocional conta muito, mas não é tudo. Felipão está se esforçando para confundir o colega Sampaoli. Não revelou o time que vai a campo hoje, mas é certo que Fernandinho começa no lugar de Paulinho.

— Sempre tive esse sonho, mas jogando na Ucrânia sabia que era muito difícil. Quando me transferi para a Inglaterra, me concentrei muito neste objetivo. Até que tive a chance contra a África do Sul — disse o jogador brasileiro, em entrevista ao site da Fifa. ●

tão nervoso que, em determinado momento da partida, se perguntou o que estava acontecendo, pois não se reconhecia em campo.

— Não tem como se desligar. Há quatro meses que só penso na Copa, em ganhar a Copa no meu país. É complicado controlar a ansiedade — disse o capitão, que quase chorou durante a entrevista coletiva.

Felipão e toda a comissão técnica estão tentando diminuir a pressão sobre os jogadores. Nas conversas com o gru-

A ESTRELA DE FELIPÃO

Salvo pela trave e pelo goleiro, no qual apostou em meio à
desconfiança geral, técnico celebra milagre da classificação

PEDRO MOTTA GUEIROS

Enviado especial

pedromg@oglobo.com.br

-BELO HORIZONTE- Dourado pelas camisas do Brasil e pelo sol da tarde, o Mineirão se transformou na maior das igrejas do estado para celebrar o “milagre” de Nossa Senhora do Caravaggio, a santa da qual Luiz Felipe Scolari é devoto. Símbolo do sacrifício, a trave trouxe a redenção, a começar pelo goleiro brasileiro. Em mais uma jornada de muitos pecados em campo, a seleção se ofereceu ao castigo quando Pinilla acertou o travessão no último minuto da prorrogação. Nos pênaltis, quando o chute de Jara explodiu no poste, depois de Júlio César ter pego duas cobranças, os místicos se deram conta de que a estrela que o Brasil persegue já acompanha Felipão faz tempo.

Com os punhos cerrados, o técnico entrou em campo como se fosse dele o gol da classificação, que veio do erro chileno na disputa de pênaltis, vencida pelo Brasil por 3 a 2, após empate em 1 a 1 no tempo normal. Por ter

Júlio César evocou outras lendas para celebrar a alforria. Inspirado desde garoto por Taffarel, decisivo nos pênaltis que deram o tetra em 1994 e levaram o Brasil à final do Mundial seguinte, o camisa 12 repetiu o ídolo para honrar todos os goleiros brasileiros.

Por mais que as referências venham de fora, Júlio César precisou repetir a si próprio para voltar a sair exaltado do Mineirão. Nas semifinais da Copa das Confederações, pegou pênalti de Forlan na vitória sobre o Uruguai.

Apesar da tradição cristã, a igreja do Mineirão não acolhe a

todos da mesma forma. Embora a maior parte do jogo tenha sido convidativa ao Chile, o castigo lembra o quanto os deuses do futebol podem ser injustos.

As regras da Fifa, que impedem a entrada de instrumentos musicais, também. Desde os primeiros rituais que fundaram o Brasil e sua cultura, os tambores marcaram o tempo das celebrações, como acontecia ontem nos arredores do Mineirão. Dentro do estádio, sem a pulsação do samba, o coração bateu no descompasso que une time e torcida nesta Copa, ambos sem um ritmo que

apostado em Júlio César, que vivia no ostracismo após falha na Copa de 2010, o técnico tem motivos para agradecer às bênçãos.

No ritual de antes dos jogos, Júlio César é dos poucos a descer do ônibus sem carregar uma mochila. O peso nas costas já é grande, seja pela falha há quatro anos, seja pela ligação entre as Copas que o Brasil organiza. Cristo negro do futebol brasileiro, Barbosa foi crucificado pelo gol que deu o título ao Uruguai em 1950.

Em meio ao drama do goleiro,

empolgue. No primeiro tempo, com a preocupação recíproca de não oferecer contragolpes, o Brasil explorava melhor as bolas longas e os cruzamentos. Após escanteio cobrado por Neymar aos 18, Jara tentou evitar que a bola chegasse a David Luiz e marcou contra ao usar o lado externo do pé numa jogada conhecida como chilena. A arbitragem, no entanto, deu o gol para o zagueiro.

Incapaz de matar o jogo e de conservar a vantagem, o Brasil cedeu o empate em lance em que Hulk foi displicente ao rebater lateral cobrado por Marcelo. Aproveitando-se do presente, Vargas cruzou para o gol de Alexis Sánchez, aos 32.

No segundo tempo, em que Hulk teve um gol anulado aos 9 por usar o braço para dominar a bola, o Brasil via o Chile trocar passes e Luiz Gustavo ser sobrecarregado até levar o cartão que o deixa fora do próximo jogo.

O roteiro de um épico já estava na prorrogação, quando as sucessivas quedas do chilenos davam a falsa impressão que o rival não queria jogo. Até que Pinilla

matou no peito a chance da vitória e mandou a bomba. Com a classificação e o travessão balançando, Júlio César se tornou o fiel depositário das esperanças de toda a nação nos pênaltis.

PESO SOBRE NEYMAR

Estimulado pelos companheiros, ganhou um afago do massagista Deni Silva, que o conhece desde as divisões de base do Flamengo, e foi cumprir seu destino sob as traves. David Luiz já tinha convertido sua cobrança quando Júlio rebateu chute de Pinilla. Em seguida William mandou o entusiasmo para fora, mas nova defesa do brasileiro, agora em chute de Sánchez, manteve a vantagem. Depois de Marcelo e Aranguiz converterem, Hulk voltou ao papel de vilão, ao chutar para defesa de Bravo. Quando Diaz empatou, restava um pênalti para cada lado e toda a responsabilidade nas costas de Neymar, que deslocou o goleiro e a pressão, agora sobre o mesmo Jara, que marcou contra.

Buscando o lado esquerdo de Júlio César, que caiu para o canto certo, o chute carimbou a trave, a classificação e o “milagre” de Felipão. Antes de se sentir crucificado, Jara deve se agarrar na saga do goleiro brasileiro para lembrar que a redenção está a caminho, mesmo que seja preciso esperar 64 anos. Quem tem fé, a julgar pela aposta em Júlio César, nunca está desamparado. Amém! ●

AGORA SEM TEMOR

Brasil joga o futuro e acredita que estilo da Colômbia pode tornar partida mais tranquila que o drama contra o Chile

CARLOS EDUARDO MANSUR

Enviado especial

carlos.mansur@oglobo.com.br

-FORTALEZA- O adversário é outro. O estilo também. A Colômbia não é o Chile. E, por mais que o técnico Luiz Felipe Scolari tenha tentado não dar armas motivacionais ao adversário, o discurso lhe saía naturalmente. E o forçava até a, por vezes, conser-tar o tom. No fundo, há uma certeza que domina a comissão técnica da seleção antes do jogo de hoje, às 17h, no Estádio Castelão, em Fortaleza: de que o jeito de jogar da Colômbia torna o rival de hoje mais à feição do Brasil. É clara a sensação de que a vitória está ao alcance. Até o tal compromisso marcado com o título, com a final da Copa, a “mão na taça”, voltou a aparecer no discurso.

Ontem, Felipão e Thiago Silva se exibiam muito mais leves do que na véspera do dramático duelo com o Chile. O temor que o jeito guerreiro dos chilenos causava deu lugar à expectativa de encontrar hoje um rival téc-

nico. E que, por isso, dê à seleção espaços para desenvolver seu jogo. Por ser mais leve e ofensiva, a Colômbia, na previsão de Felipão, porá em xeque a defesa brasileira, mas permitirá que o Brasil crie chances. Se a impressão é equivocada, só os 90 minutos dirão. Estará em jogo um lugar na semifinal da Copa do Mundo, ponto que o Brasil não atinge desde 2002.

A atitude de Felipão na entrevista chegava, por vezes, a transparecer uma certeza de vitória. Talvez seja mais correto falar em uma marcante confiança. Óbvio que estava subentendido o “caso o Brasil vença”,

mas o técnico, ao responder sobre a presença da psicóloga Regina Brandão, chegou a dizer que ela “vai voltar sábado ou domingo” a Teresópolis.

Perguntado se após tanto sofrimento contra o Chile, acha que a seleção continua com a “mão na taça”, como disse Parreira no início da preparação para o Mundial, o treinador não hesitou:

— Continua! Vamos para o quinto passo. Não esqueça, são sete. As declarações do Parreira foram espetaculares. Nosso povo queria isso. E a torcida respondeu.

SEM GUERRA

Ao comparar Colômbia e Chile, fundamentou a confiança no estilo do rival de hoje.

— Não é só questão de o jogo encaixar. O Chile agrupa mais, tem força, espírito, dinâmica. A Colômbia é mais técnica, não tem guerra quando joga conosco. São jogos bonitos, até a torcida tem amizade. Guerra fa-

▼
CALMA, FELIPÃO

‘NÃO GOSTOU, VAI PARA O INFERNO’

Felipão reagiu ontem às críticas por ter reunido seis jornalistas para conversar na segunda-feira. De forma espontânea, pouco polido e com palavras duras, ele se antecipou e falou sobre o assunto:

— Tem alguns que são mais meus amigos... como em 2002, eu sentava com sete, oito ou dez. Aqueles que não foram convidados é porque não gosto tanto.

O técnico repreendeu quem tenha ficado do chateado por não ter sido incluído na conversa:

— Não pode existir ciúminho de homem. Pelo amor de Deus, ciúme de homem, não.

Ele disse que não se arrependeu da iniciativa:

— Sempre fiz isso. Agora, se não puder fazer as coisas que gosto de fazer, se tenho que ser pautado para fazer A ou B, não adianta, eu

vou fazer. Gostou, gostou; não gostou, vai para o inferno.

Um dos repórteres quis saber se algo mudaria no esquema da seleção após a conversa com os jornalistas. Ele usou de ironia:

— A conversa que tive com os meus amigos foi geral, a respeito da bomba atômica... falamos sobre tudo.

Ele negou ter dito que se arrependeu de convocar um dos 23 jogadores:

— O que eu disse é que, neste momento, se pudesse acrescentar um jogador com características para mudar o time, eu faria. Se você perguntar, todos os técnicos da Copa gostariam de fazer essa mudança.

Felipão disse que pretende agora conversar com as jornalistas que cobrem a seleção para ter uma opinião feminina.

zem Argentina, Uruguai, Chile... Jogam em cima de nós com ma-landragem, perspicácia.

A conclusão do que Felipão queria dizer estava clara. E ele verbalizou. Mas achou melhor dar uma corrigida no tom.

— É muito mais difícil — deixou escapar, referindo-se ao Chile em comparação com a Colômbia. E tratou de fazer a ressalva. — A Colômbia é difícil, é muito difícil! Eles são bons. Mas nós também somos bons, temos qualidade.

O TÉCNICO ERA OUTRO

Ao lado do treinador, Thiago Silva também deixou clara a sua preferência. Foi enfático ao elogiar o adversário de hoje, mas exibiu sua confiança.

— Para mim, bom é o adversário que vem para o jogo. Tecnicamente falando, a Colômbia é diferenciada. Tem qualidade. Mas isso ajuda a tornar o jogo aberto. Nós, zagueiros, teremos que colocar na cabeça que, nos momentos em que

formos dominados, não podemos tomar o gol. Porque, teoricamente, em dois ou três minutos passaremos a ter o controle — disse.

Dizer frequentemente que a seleção será campeã, ou ao menos que tem esta obrigação, deu margem a avaliações de que residia aí uma das possíveis origens da instabilidade emocional do time. Mas Felipão assegurou que chegou a perguntar a seus jogadores se eles se sentiam pressionados. E ouviu seguidos “nãos” como resposta.

No fim, mesmo que sem querer, sobrou até para o ex-treinador da seleção, Mano Menezes.

— O Thiago veio me falar do jogo que o Brasil empatou com a Colômbia (em novembro de 2012, nos Estados Unidos). Eu falei: “Não jogamos, não me lembro. Será que apaguei da memória? Não, eu não joguei contra este time. Não era eu o técnico” — afirmou. ●

ARREPIA, ZAGUEIRO

Anjos da guarda da defesa, Thiago Silva e David Luiz decidem jogo que leva Brasil à semifinal contra Alemanha

PEDRO MOTTA GUEIROS

Enviado especial

pedromg@oglobo.com.br

A dura entrada que Neymar recebeu pelas costas, no fim do jogo em que o Brasil venceu a Colômbia por 2 a 1, atingiu a todos que já olhavam para frente, com vistas à semifinal contra a Alemanha, terça-feira, no Mineirão. Qualquer torcedor ou jogador brasileiro, que pensou ter vivido contra o Chile o maior drama desta Copa, foi lembrado que o futebol oferece perdão e castigo sem qualquer critério.

Entre a omissão na disputa de pênaltis contra o Chile e a ação que o fez aparecer na área para abrir o placar de ontem, Thiago Silva recebeu o segundo cartão amarelo que o deixa fora do próximo confronto. Além da questão esportiva, a preocupação, era com o ser humano, quando Neymar foi golpeado pelo joelho de Zuñiga e ficou estirado, de bruços. Na ansiedade do médico Jo-

tátua renascentista, David Luiz, o autor do segundo gol do Brasil, mostrava que um zagueiro pode valer tanto quanto um craque, ao ser reverenciado no fim do jogo por James Rodríguez. Dois zagueiros valem mais ainda.

No abraço que a dupla celebrou um dos gols, Thiago afagou os caracóis dos cabelos de David num gesto que muitos torcedores e fãs gostariam de repetir. Embora já estejam se tornando exaustivas as campanhas para ensinar a torcida a incentivar a seleção, o jogo de ontem permite uma sugestão. Quando compôs "Zagueiro", ainda sob a alcunha de Jorge Ben, o músico cantava que um jogador de defesa "não pode ser sentimental". Se o próprio autor mudou de nome, agora Jorge Benjor, o refrão pode ganhar nova leitura. Em vez da capacidade de esfolar canelas, "Zagueiro, arrepiá, zagueiro", é uma celebração da vocação de Thiago e David para ericar os pelos do braço do torcedor.

BOM PRIMEIRO TEMPO

Além da braçadeira, o capitão carrega uma munhequeira para enxugar suor e lágrimas. O mesmo joelho que se dobrou às emoções contra o Chile ontem serviu para marcar o gol, que celebrou a dimensão humana do capitão, ao completar escanteio cobrado por Neymar aos sete minutos.

A fronteira entre heróis e vilões é mais clara nas histórias de criança. Futebol é para homem, mulheres e crianças pela sua dimensão humana e falível. Apesar de o início dos elementos para a redenção de Thiago, a virada foi coletiva, a começar pelo técnico que soube diagnosticar e tentar

sanar problemas na armação.

Com apenas Fernandinho na frente da zaga, e Paulinho alinhado com Oscar e Hulk, Neymar e Fred formavam a dupla de ataque de um time que soube avançar suas linhas e se manter compacto no primeiro tempo. Ao contrário da bandeira de 600 metros quadrados, que estava enrolada no jogo passado mas que passou a tremular soberana nos arredores do Castelão, o ajuste seleção ainda carece de amarração. Na volta para o segundo tempo, o Brasil já deixava espaços para o sofrimento voltar.

Ao confundir empenho com imprudência, Thiago Silva fez falta no goleiro Ospina e levou o cartão que o deixa de fora do próximo jogo. Eram 18 minutos quando Felipão esfregou o rosto como se não acreditasse no que via. Após confusão na área brasileira Yepes teve um gol anulado por impedimento. Nem todo trabalho tinha sido jogado fora. Cobrado por fazer poucos treinos

táticos e jogadas ensaiadas, Felipão sabia o que esperar quando David Luiz ajeitou a bola para bater falta de longa distância aos 23. Em situação repetida em Teresópolis, David bateu forte, com efeito para fazer 2 a 0.

O gol não trouxe o alívio esperado. A receber passe nas costas de David, Vaca sofreu pênalti de Júlio César, convertido por James Rodríguez, aos 34. Depois de a Colômbia pressionar sem sucesso, o Brasil já olhava para frente, quando o golpe em Neymar atingiu a todos. Sem o craque, chegou a hora de o time mostrar que pode andar pelas próprias pernas e avançar a partir da retaguarda. Arrepiá, zagueiro. ●

sé Luís Runco, via-se a face mais dolorosa de uma vitória. Chorando muito, o jogador foi levado para um hospital. As orações de todo o país foram com o craque que fraturou uma vértebra e está fora da Copa.

Depois da milagrosa classificação na fase anterior, o novo martírio faz a seleção andar pelos caminhos das dramáticas campanhas italianas, a começar pela origem de Felipão e pela sua devoção à Nossa Senhora do Caravaggio. Se crítica e público se perguntam como é possível ganhar sem jogar bem, a resposta vem de pelo menos dois dos quatro títulos da Itália. Com os cabelos cacheados e o nome de uma es-

ESTREIA SEM O CAMISA 10

Técnico aposta no meio de campo com três volantes ou com Willian para suprir ausência de Neymar contra a Alemanha

Na repetição da final da Copa de 2002, quando o Brasil conquistou o pentacampeonato com a vitória por 2 a 0 em Yokohama, no Japão, a única semelhança é a presença de Felipão no banco brasileiro. Se, daquela vez, o técnico dispunha de jogadores com experiência em outros Mundiais, e um Ronaldo em grande forma, retornando de dois anos de inatividade, agora tudo se inverte: a contusão do craque do time veio na hora errada, e os coadjuvantes são novatos no torneio mais importante das suas carreiras.

Já a Alemanha, que se despedia de uma geração no Mundial da Ásia, sonha com o apogeu do trabalho de renovação iniciado justamente quando sediou a Copa, em 2006, e apresentou jogadores como Schweinsteiger, Lahm, Podolski e Mertesacker. Quatro anos depois, na África do Sul, eles receberam a companhia de Thomas Müller, Khedira, Özil, Kroos e Neuer, todos titulares da atual equipe.

No treino de ontem, na Granja Comary, Felipão mostrou como pretende suprir a ausência de Neymar e superar uma Alemanha tida por mui-

tos como a melhor equipe entre as quatro semifinalistas: vencendo a batalha do meio do campo, setor mais forte do rival. Para mostrar como quer que o time jogue, fez um trabalho tático, sem adversário.

OSCAR LIVRE PARA CRIAR

Com o cabeça de área Luiz Gustavo de volta, após cumprir suspensão, Felipão manteve os volantes Fernandinho e Paulinho, este último opção também nas jogadas aéreas, outro perigo da Alemanha. Na frente, Oscar ganhou mais liberdade para se movimentar mais e

tentar, enfim, reencontrar seu melhor jogo, visto apenas contra a Croácia, no jogo de estreia do Brasil no Mundial.

Mas Felipão também usou o único treino dos titulares antes da semifinal para testar opções. Na lateral direita, a surpresa foi a presença de Daniel Alves no início. Mas logo Maicon, que foi titular contra a Colômbia, entrou em seu lugar e não saiu mais.

As maiores mudanças, porém, foram na frente. Com uma formação mais leve — apenas Luiz Gustavo e Fernandinho na marcação —, o técnico

co testou Willian e Oscar juntos, municiando o ataque, e, depois, cada um deles ao lado de Bernard. Até João, desacreditado após a fraca atuação contra o Chile, entrou nos minutos finais, no lugar de Fred. O camisa 9, no entanto, tem escalção garantida na semifinal.

DAVID LUIZ MUDA DE LADO

Com Dante no lugar de Thiago Silva, suspenso, David Luiz jogará pela direita e herdará o posto de capitão da seleção. Mais prestígio com Felipão que o zagueiro cabeludo e boa praça, talvez só Luiz Gustavo.

ALLAN CALDAS,
MAURICIO FONSECA E
RENATO DE ALEXANDRINO
esporteglb@oglobo.com.br

O cabeça de área que chegou sob desconfiança, virou titular absoluto e, mesmo após ser suspenso, retorna justamente no momento de maior dúvida, na ausência de Neymar.

Com todas as mudanças feitas do meio para a frente, Luiz Gustavo e Hulk permaneceram do início ao fim do treino. Mas só o cabeça de área ficou em campo mesmo após o fim do treino, chamado pelo técnico e pelo coordenador Carlos Alberto Parreira para uma conversa ao pé do ouvido, assumindo um papel de destaque na reta decisiva. ●

DESONRA AMARELA

Na pior derrota brasileira em todas as Copas, seleção de Felipão é atropelada pela Alemanha por 7 a 1 no Mineirão

AYDANO ANDRÉ MOTTA
Enviado especial
aydano.motta@oglobo.com.br

-BELO HORIZONTE- Quando se impôs o desafio de abrigar pela segunda vez a Copa do Mundo, o Brasil ambicionou fazer história. Conseguiu de maneira contundente e impensável, justamente onde conquistou, em jornadas cada vez mais amareladas na memória, algumas de suas glórias valiosas — dentro de campo. A seleção pentacampeã escreveu a página mais indigna do seu século de existência, ao ser massacrada pela Alemanha, por devastadores 7 a 1. Levou, como o placar eloquente comprova, um baile

constrangedor, que expõe o profundo atraso em que o país está metido, justamente em seu esporte mais popular.

A desonra, vivida no gramado do Mineirão, esculpiu uma pororoca de recordes vergonhosos: a maior goleada levada nos 100 anos (com um revés de 6 a 0 para o Uruguai, em 1920); a maior sofrida por um anfitrião em todas as Copas; a maior numa semifinal de Mundial (e a quinta maior na história da competição); a maior quantidade de gols sofridos num só jogo nas 20 edições do torneio, e a segunda maior de todos os tempos (a primeira, 8 a 4 para a Iugoslávia, foi em 1934). O time de Luiz Felipe Scolari des-

manchou-se num vergonhoso conjunto de hipérboles.

Não para. Poucas vezes, desde que o inglês Charles Miller desembarcou no porto de Santos com duas bolas usadas, em 1894, um time levou cinco gols em 18 minutos (média de um a cada 3m40s). Muito menos no esporte ultraprofissional, de preparação metódica e estrutura sustentada por montanhas de dinheiro. A seleção que sonhava com o hexa protagonizou, do pior jeito, um placar do futebol antediluviano.

Por inegáveis méritos do incrível time alemão — mas também pelas muitas trapalhadas, dos jogadores e de Felipão. O desfalque de Neymar (solitário craque

do Brasil hoje) expôs todas as deficiências da equipe canarinho. E olha que, afora o prodígio do Barcelona, não faltou ninguém em campo nem no banco. Talvez esta seja a maior tragédia.

Mas o técnico tem pecados particulares a contabilizar. Cometeu o desatino de escalar uma formação jamais treinada, com Bernard aberto pela esquerda e um meio-campo vazio de homens e ideias. Tudo errado.

A Alemanha, em seu planejamento virtuoso, não tem nada com isso, e, majestosa em vermelho e preto, precisou de sete minutos para aprisionar o adversário, num jogo compacto, cirúrgico, mortal. A abissal diferença de material humano das duas equipes resolveu o resto.

KLOSE, CEREJA DA TORTA ALEMÃ

Aos 10 minutos, Müller cabeceou sozinho: 1 a 0; aos 22, os visitantes tabelaram área do Brasil adentro, até Klose empurrar para o gol (e, cereja da torta alemã, superar Ronaldo como o maior artilheiro de todas as Copas): 2 a 0; aos 24, de Özil para Lahm, para Kroos: 3 a 0; aos 25, Kroos roubou de Fernandinho, tabelou com Khedira e marcou: 4 a 0; aos 28, Özil passou a Khedira: 5 a 0.

No segundo tempo, enquanto a pequena torcida visitante cantava “Rio de Janeiro, ôôôô”, os alemães piedosamente diminuíram o ritmo. Ainda fizeram mais dois, com Schürrle, e permitiram-se levar um de Oscar.

Barbosa, afinal, pode descansar em paz. O futebol brasileiro tem vexame maior para velar. ●

JOGAR PELO QUE RESTA

Brasil e Holanda disputam terceiro lugar, hoje, em Brasília, na partida em que nenhum dos jogadores desejaria estar

CARLOS EDUARDO MANSUR
carlos.mansur@oglobo.com.br

-TERESÓPOLIS- Como uma espécie de penitência, Brasil e Holanda pisam o gramado do Mané Garrincha, às 17h, para a mais ingrata das missões: disputar o terceiro lugar da Copa do Mundo. Nenhum dos jogadores gostaria de estar ali. Em especial os brasileiros. Seja qual for o resultado do jogo, é quase certo que não irá se sobrepor aos 7 a 1 aplicados pela Alemanha na semifinal. Pelo contrá-

rio, uma nova derrota será apenas um ingrediente a mais na lista de equívocos cometidos ao longo do Mundial.

A preparação para o jogo aconteceu num cenário que parecia sob medida. A Granja Comary, em Teresópolis, teve uma das manhãs mais frias desde a chegada da seleção. Chovia muito. O ambiente era tão pouco convidativo a um treino quanto o espírito dos jogadores.

Aos poucos, a atmosfera se tornou mais descontraída e houve algumas brincadeiras.

Após exercícios táticos, em que a defesa foi mais exigida, houve um treino recreativo. Quando trabalhou a parte tática, Felipão pôs Henrique na zaga, no lugar de Thiago Silva, que foi poupado mas tem condição de jogo. Três titulares treinaram entre os reservas: Fred, Hulk e Fernandinho. Deram lugar a Jô, Willian e Paulinho, respectivamente. Neymar, que estará hoje com o time em Brasília, não apareceu na beira do gramado na manhã de ontem, mas viajou com a delegação.

Nos últimos dias, a comissão técnica fez um grande esforço para motivar o time. Houve reuniões com os jogadores em que, mais do que apontar os tantos erros cometidos durante o masacre imposto pelos alemães, tratou-se de mobilizar a equipe para o jogo com a Holanda.

— A vida segue. Todos vamos buscar outros objetivos. O primeiro deles é o terceiro lugar da Copa do Mundo. Este se tornou o nosso novo sonho — disse Felipão na entrevista coletiva da última quarta-feira.

Se há algo que pode movê-lo é uma rivalidade com o treinador holandês, Louis Van Gaal. No início do Mundial, incomodado com a tabela da terceira rodada, que colocava o Brasil para jogar antes da Holanda, com uma vantagem de “escolher” seu adversário nas oitavas de final, Van Gaal reclamou publicamente. Felipão reagiu dizendo que tais reclamações eram coisa de alguém “burro ou mal intencionado”. Felipão voltou a dar estocadas no rival quando a Holanda se classifi-

cou às quartas com um pênalti duvidoso marcado sobre Robben. Ontem, Van Gaal voltou a reclamar que teve um dia a menos que o Brasil para se preparar para a disputa do terceiro lugar. Um jogo que, segundo o holandês, nem deveria existir.

DESPREZO À TORCIDA

Os jogadores brasileiros continuam recebendo apoio da torcida. Cerca de 100 torcedores estavam na porta do Centro de Treinamento e outros tantos num condomínio ao lado do campo em que a seleção se exercitou. Levaram faixas de apoio e gritaram pelos jogadores mais queridos. No início, a retribuição veio em forma de acenos. Mas assim que Felipão encerrou a atividade, os jogadores viraram as costas e foram para os vestiários. Mais um erro para a coleção brasileira nesta Copa. Foi a cena final da passagem do time por Teresópolis, que hoje volta à vida normal. ●

NO BAGAÇO DA LARANJA

Sofrível do começo ao fim, seleção amarga nova derrota e desmente Felipão que reduziu vexame a seis minutos de pane

PEDRO MOTTA GUEIROS
pedromg@oglobo.com.br

Resposta ritmada para o desamparo e a opressão, só resta o samba para quem já não pode ser mais reverenciado como o país do futebol. Autor do hino dos tempos em que o talento de Ronaldo e Rivaldo deixava a vida levar o Brasil ao título, Zeca Pagodinho agora dá o tom para o fim de festa: "Vou vender minha fazenda/Vou vender a minha granja/Eu falei pra você/Sobrou pra mim/O bagaço da laranja".

Mesmo de azul e abatida, a Holanda exibiu os poderes da laranja para jogar acidez nas feridas e dar um efeito continuado ao desarranjo do time de Felipão. Com

a derrota de ontem por 3 a 0, em Brasília, o Brasil amargou mais do que o quarto lugar. Pela primeira vez em 40 anos, o futebol brasileiro saiu de cena com duas derrotas seguidas ao longo da campanha em que o time teve só três vitórias e sofreu mais gols do que marcou: 14 a 11.

À beira do campo, Neymar já não sentia uma dor diferente da dos brasileiros. Desde que os 7 a 1 diante da Alemanha esmigalharam as ilusões do hexa, a lesão do craque se torna cada vez mais periférica. A julgar pela falta de reação, foi a seleção que fraturou a medula e a capacidade de transformar pensamento em ação. Diante de tamanha letargia, a começar pela recusa do técnico

de enxergar a realidade, resta saber se o futebol brasileiro vai voltar a se movimentar com a exuberância de outrora.

Usado para dar vida ao time na Copa das Confederações, cuja conquista se compara à visita da saúde, o hino à capela se tornou parte de um ritual fúnebre. Com o corpo presente e alma perdida, qualquer tentativa de reação da seleção foi enterrada a um minuto de jogo quando Thiago Silva fez falta em Robben fora da área e a arbitragem marcou pênalti, convertido por Van Persie, aos 3.

Só Dona Lúcia, a fã solidária de Felipão, acredita que o técnico sabia o que dizia ao atribuir os 7 a 1 em seis minutos a uma pane. Dessa vez, o Brasil levou 13 mi-

nutos para sofrer o segundo gol em lance em que Blind se aproveitou de rebatida de David Luiz para marcar. Embora houvesse impedimento no início da jogada, melhor não dar desculpa.

A defesa da seleção voltou a se posicionar em linha e a cometer erros primários que não condizem com o que Felipão chamou de bom trabalho. Num segundo tempo melancólico, Wijnaldum fez o terceiro aos 46.

COMO PREENCHER O VAZIO

Apesar do público de 68 mil presentes, a disputa do terceiro lugar é um jogo para dar sentido ao vazio. Maior e mais caro estádio em que a seleção jogou, o Mané Garrincha abrigou sete jogos antes de voltar à realidade do indigente futebol candango. No momento em que é preciso repensar as instituições, o risco de que o estádio e a memória do craque sejam cobertos pela poeira vermelha de Brasília se confunde com o desafio da seleção.

Os 5km que separam o Palácio do Planalto do estádio servem para marcar a distância entre futebol e política às vésperas das eleições. Por mais que se tente medir até que ponto a insatisfação com a seleção interfere na consciência política, o trabalhador que precisa pegar três ônibus, que dorme na fila do hospital ou que tem uma cesta de roupa para lavar sabe que o futebol não paga suas contas. A julgar pelo desempenho da seleção nos últimos jogos, não mudou nada. Só resta o alento do samba e o bagaço da laranja. ●